



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS - CCSAH
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO -
LEDOC

FRANCISCA JULIMÁRIA FREIRE NOGUEIRA

**“OS BRASIS ESTILIZADOS” DE DONA TEREZINHA: UMA LEITURA
HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE SERRA DO MEL/RN (1970 - 1981).**

MOSSORÓ

2020

FRANCISCA JULIMÁRIA FREIRE NOGUEIRA

**“OS BRASIS ESTILIZADOS” DE DONA TEREZINHA: UMA LEITURA
HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE SERRA DO MEL/RN (1970 - 1981).**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do campo na área de Ciências Humanas e Sociais sob a orientação da Professora Dra. Gerciane Maria da Costa Oliveira.

Orientador: Dra. Gerciane Maria da Costa Oliveira.

MOSSORÓ

2020

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998 . O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

N" Nogueira, Francisca Julimária Freire.
"OS BRASIS ESTILIZADOS" DE DONA TEREZINHA:UMA
LEITURA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE SERRA DO MEL/RN
(1970-1981) / Francisca Julimária Freire
Nogueira. - 2020.
64 f. : il.

Orientadora: Gerciane Maria da Costa Oliveira.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2020.

1. Serra do Mel. 2. Memórias. 3. História. 4.
Educação do Campo. I. Oliveira, Gerciane Maria da
Costa, orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

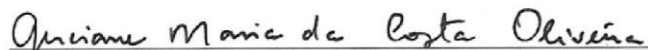
FRANCISCA JULIMÁRIA FREIRE NOGUEIRA

**“OS BRASIS ESTILIZADOS” DE DONA TEREZINHA: UMA LEITURA
HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE SERRA DO MEL (1970 - 1981)**

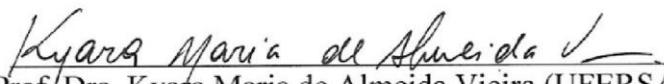
Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Licenciada em
Educação do Campo na área de Ciências
Humanas e Sociais.

Defendida em: 07/02/2020

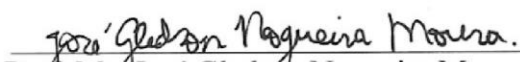
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Gerciane Maria da Costa Oliveira (UFERSA)
Presidente



Prof. Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira (UFERSA)
Membro Examinador



Prof. Ms. José Gledson Nogueira Moura (UFERSA)
Membro Examinador

A minha tia Jucileide que sempre soube o valor da Educação. (In Memoriam).

*Dedico estes escritos aos meus
filhos Roger e Ester, ao meu
marido Rogério meu maior
incentivador e a minha mãe Maria
meu maior porto seguro. A todos
vocês com todo o meu carinho*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus primeiramente, sem a força e a determinação que me deste eu não estaria aqui tecendo esses escritos. Obrigada senhor pela proteção a todo o momento.

Ao meu esposo pelo o incentivo, paciência para comigo nos momentos difíceis tanto financeiros como pessoais/acadêmicos.

Aos meus filhos, Roger e Ester. Ao meu filho Roger, agradeço pelo o cuidado e carinho quando eu chegava em casa muito cansada grávida de sua irmãzinha, a minha filha Ester que junto comigo percorreu o árduo caminho na reta final do curso.

Aos meus pais em especial minha mãe Maria que durante esses 5 anos cuidou dos meus filhos enquanto eu estava na universidade, meu muito obrigada MÃE. Aos meus irmãos que de alguma forma me deram força para continuar e não desistir.

Agradeço a minha orientadora Gerciane pela paciência e dedicação junto à pesquisa, sou imensamente grata por todo carinho de professora e amiga.

Agradeço ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semiárido por toda a bagagem que hoje eu carrego, obrigada meus professores, hoje sou um pedacinho de cada um de vocês. Obrigada por ter compartilhado seus saberes, científicos e de vida. Sou imensamente grata ao professor Emerson que iniciou o projeto do meu trabalho de conclusão do curso. Mas, por motivos de força maior (afastamento para o doutorado) não podemos seguir adiante. Meu muito Obrigada.

Agradeço a todas as minhas amigas, amigos pelo companheirismo, carinho durante essa jornada “louca” da academia. Em especial as minhas amigas de Serra do Mel que juntas compartilhamos dos perigos das estradas, nos momentos das “caronas”. As minhas amigas de outras cidades, obrigada pelo conhecimento compartilhado. Foi um enorme prazer conhecer cada um/uma de vocês.

Aos taxistas de Serra do Mel, meu muito obrigada pelas caronas. Obrigada a todos/todas as pessoas que diretamente e indiretamente fizeram do meu sonho realidade.

Agradeço a Banca Examinadora pela disponibilidade, obrigada por poder compartilhar com vocês minha pesquisa.

[...]” Não vou sair do campo pra poder ir pra Escola, Educação do Campo é direito e não esmola”.
(GILVAN SANTOS, 2010).

“A Serra é um exemplo da resistência dos trabalhadores, dos agricultores e agricultoras familiares”. Terezinha 2019.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo entender o município de Serra do Mel/RN sob a luz da história contada por quem a viveu. Com base na reconstituição histórica do Município de Serra do Mel, Rio Grande do Norte, com ênfase no período temporal de 1970 a 1981. A metodologia desta pesquisa consistiu na leitura de: material bibliográfico, coleta de dados junto a acervos digitais, livros, documentos etc., pesquisa de campo com entrevista semiestruturada. Para entender alguns conceitos centrais desse estudo, dialogamos com Maurice Halbwaches acerca da história coletiva, Antônio Carlos Gil onde versamos sobre os métodos e técnicas de pesquisa social, Minayo, sobre metodologia de pesquisa. Ainda nos escritos de Michael Pollak em sua interpretação da memória coletiva e memória individual. Dialogamos também com Guimarães Neto num embasamento sensível no tratamento dos fatos que foram as narrativas por meio dos relatos orais, Walter Benjamin na importância dos fatos narrados como um trabalho de artesanato, e Michel de Certeau, dentre outros. Os resultados da pesquisa foram bastantes satisfatórios, e nos fizeram perceber o quanto as Ciências Humanas e Sociais tem um papel fundamental para sociedade. São essas pesquisas que apontam todo um arcabouço histórico de mudanças, transformações, que tiveram seus momentos sociais, culturais, políticos e econômicos.

Palavras-chave: Serra do Mel; Memórias; História; Educação do Campo.

ABSTRACT

This research aims to understand the municipality of Serra do Mel / RN in the light of the story told by those who lived it. Based on the historical reconstrutivo of the Municipality of Serra do Mel, Rio Grande do Norte, with emphasis on the period from 1970 to 1981. The methodology of this research consisted of reading: bibliographic material, data collection from digital collections, books, documents etc., field research with semi-structured interview. In order to understand some central concepts of this study, we spoke with Maurice Halbwaches about collective history, Antônio Carlos Gil where we talked about the methods and techniques of social research, Minayo, about research methodology. Still in the writings of Michael Pollak in his interpretation of collective memory and individual memory. We also spoke with Guimarães Neto on a sensitive basis in the treatment of the facts that were the narratives through oral reports, Walter Benjamin on the importance of the facts narrated as a work of artisan, and Michel de Certeau, among others. The research results were quite satisfactory, and made us realize how much the Human and Social Sciences have a fundamental role for society. It is these researches that point to a whole historical framework of changes, transformations, which had their social, cultural, political and economic moments.

Keywords: Serra do Mel; Memoirs; History; Rural Education

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFERSA Universidade Federal Rural do Semiárido

LEDOC Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo

CIDA Companhia Integrada de desenvolvimento agrícola

CCSAH Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
1.1.	METODOLOGIA.....	14
2.	PERCURSO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SERRA DO MEL –RN: UMA HISTÓRIA DE VIDA COLETIVA.....	16
2.1	A história contada por quem a viveu.....	18
3.	FASES DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE COLONIZAÇÃO DE SERRA DO MEL.....	22
3.1.	As Lutas e conquistas vivenciadas pelos os primeiros moradores de Serra do Mel/RN.....	25
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	35
	ANEXO B – PROJETO SERRA DO MEL.....	36
	ANEXO C – MAPA RODOVIÁRIO DE SERRA DO MEL.....	43
	ANEXO D - MAPA DE SERRA DO MEL ESTILO BANNER.....	44
	ANEXOS E – ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS DO INICIO DA IMPLATAÇÃO DO PROJETO SERRA DO MEL – RN.....	45

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa nasceu a partir dos meus anseios de conhecer a história de Serra do Mel, cidade onde nasci, cresci e hoje construí um lar, uma família. Como todo pesquisador (a) somos inquietados em conhecer. A curiosidade nos envolve, nos move e essa inquietação me trouxe hoje aqui nesse espaço de escrita para registrar um pouco da história contada por quem a viveu de fato, como um gesto de guardar memória e preservar lembranças. E, essa é a tarefa do pesquisador: conhecer, buscar, buscar tudo aquilo que esteja dentro do espaço/tempo.

Este trabalho tem por finalidade compreender o percurso histórico do Município de Serra do Mel, Rio Grande do Norte, com ênfase no período temporal de 1970 a 1981. Escolhemos esse marco temporal porque durante essas décadas aconteceram todo o processo de colonização do município de Serra do Mel. Com esta finalidade, elencamos os dados acerca dos processos históricos sociais, políticos, econômicos e culturais da cidade de Serra do Mel, analisando as fases da colonização¹ do município, para tanto, iremos destacar as lutas e conquistas vivenciadas por seus primeiros moradores.

Inicialmente optamos pelo estado do conhecimento sobre o tema escolhido, posteriormente fizemos um levantamento teórico sobre autores que tratem da pesquisa historiográfica, em seguida realizamos um mapeamento dos sujeitos da pesquisa e noutro momento o levantamento de fontes: dados de recortes de jornais de diversas épocas até a atualidade.

O presente estudo dialoga sobre a história do Município de Serra do Mel – RN, no fito de reconstruir lutas e conquistas dos primeiros moradores das comunidades rurais do referido município. A história de Serra do Mel – RN se encontra dispersa em documentos, uma vez que não há um acervo com a história local a partir do olhar de quem a viveu. Os primeiros moradores estão falecendo, sendo assim essa versão da história também.

Esse trabalho terá grande relevância para o meio acadêmico bem como, para a população e estudantes de Serra do Mel, uma vez que pretendo contar, narrar a história tramada nas entrelinhas do tempo em que nossos (as) protagonistas vivenciaram, trazendo os modos de ser de viver e de sobreviver.

¹ “Num sentido mais amplo, o conceito de colonização confunde-se com o de povoamento, isto é, o processo de ocupação e valorização de uma área, realizado por indivíduos provenientes de fora. Num sentido mais restrito, colonização é o povoamento precedido de planejamento governamental ou privado.” (SCHALLENBERGER; SCHNEIDER, (2010) apud. IANNI, 1979).

Existe a versão oficial que não trata das lutas e conquistas vivenciadas pelos os primeiros moradores, portanto esse é um dos pontos que dará maior relevância a este trabalho uma vez que pretendo discorrer sobre tais questionamentos, outro ponto essencial é sobre o estado do conhecimento da pesquisa.

Buscamos com essa pesquisa abordar cada palavra dita, ouvir a história evidenciando os desafios, mas também as conquistas e principalmente a importância dos modos de vida para cultura local. O ponto chave desse trabalho é deixar os vestígios desse tempo em papel. O leitor pode pensar, como assim? Nossa história é vivida, mas temos um prazo vital, a escrita é eterna, é um meio de guardar a memória dos sujeitos em diferentes contos, são ditos duradouros é um modo de não silenciar de não deixar cair no esquecimento. E é preciso que os nossos descendentes estejam a par da história contada por quem a viveu, ninguém melhor para contar essa história atrelada a sua vivencia sendo narradora de uma história coletiva.

Nosso intuito foi levantar dados sobre a memória coletiva dos sujeitos e iremos retratar detalhes, juntar e mexer no moinho do tempo, para que possamos contar, narrar e refletir uma história de luta, resistências de grande relevância hora esquecida pelos meios científicos e histórias populares. Os períodos temporais escolhidos trazem à tona acontecimentos centrais, tanto na história oficial quanto na história não contada e escrita.

Diante de todo o exposto acima é imprescindível falar da importância de todas as disciplinas da grade do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo na construção do nosso objeto de estudo, a partir dessas disciplinas, das aulas “diferentes, especiais” ministradas pela maioria de nossos professores e professoras nós vamos conhecendo, problematizando a área que gostaríamos de atuar e obtendo certo “sabor” pela área que nos identificamos, e hoje percebo a importância dessa área de Ciências Humanas e Sociais para minha pesquisa e principalmente no meu “ser” pesquisadora.

Os escritos dessa pesquisa estão organizados da seguinte forma, a seguir temos a metodologia que consiste no passo a passo da nossa jornada científica, adiante segue os referenciais teóricos juntamente com nossos escritos e os trechos da entrevista sob a luz da história contada por quem a viveu, com os depoimentos de dona Terezinha.

Este trabalho está organizado em dois capítulos, no primeiro capítulo discutimos sobre o percurso histórico de Serra do Mel, trazendo as memórias de Dona Terezinha, narrando uma história de vida individual/coletiva, ainda mencionamos alguns marcos históricos acerca do contexto entre 1930 a 1981, a estrutura do primeiro capítulo se divide em um sub título. O segundo capítulo se encontra estruturado em um sub título, nesse capítulo abordamos sobre as

fases de desenvolvimento de Serra do Mel, e ainda discutimos sobre as lutas e conquistas vivenciadas pelos os primeiros moradores do município.

1.1 METODOLOGIA

A metodologia é o caminho pelo qual o pesquisador trilha o passo a passo de sua jornada científica, é um saber, fazer que perpassa o desbulhar de um estudo, onde mergulhamos na busca por resultados e discutimos cada passo. A metodologia desta pesquisa consistiu na leitura de: material bibliográfico, dados coletados junto a acervos digitais, livros, documentos etc., pesquisa de campo com entrevista semiestruturada.

Como instrumento de construção de dados utilizamos os seguintes recursos: entrevistas semiestruturadas com depoimentos/ relatos orais e análises documentais de documentos oficiais. E ao final fizemos a interpretação dos dados para que possamos analisar cada recorte temporal. Gil (2008, p.156) explica que:

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação, já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Para alcançar nossos objetivos optamos primeiramente pela pesquisa bibliográfica como primeira etapa do percurso metodológico, a iniciativa se deu a partir da pesquisa de materiais que refletem acerca das discussões de memória, história, município, etc. Matérias selecionadas que permitem entrecruzar com as informações construídas nos outros procedimentos da pesquisa. Segundo Gil (2008, p.51).

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica tem sua caracterização minuciosa de acordo com os objetivos da pesquisa, destacamos três, o primeiro é o objetivo geral e outros os objetivos específicos, que foram: (i) compreender o percurso histórico do Município de Serra do Mel com ênfase no período temporal de 1970 a 1981; (ii) evidenciar como se deu o processo histórico político, econômico, social, cultural de Serra do Mel e (iii) analisar as fases do antes e depois da colonização e emancipação do município, destacando as lutas e conquistas vivenciadas pelos os primeiros moradores do município.

Posteriormente foi realizada a pesquisa de campo. A pesquisa segundo Gil (2008, p.26) pode ser definida da seguinte forma: “[...] pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir

respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Esses procedimentos nos levam às respostas que buscamos no decorrer das pesquisas fazendo um recorte espacial e temporal. Isto é, Com base em Minayo (1994 p. 53), concebemos campo de pesquisa como recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. Nessa parte da pesquisa foram realizados a busca por materiais que tratassem sobre a história de Serra do Mel. Foi um momento minucioso de separação de dados de acordo com os objetivos da pesquisa para não perdermos o foco.

Realizamos a pesquisa de campo utilizando a abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2002, p.21) “A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Isto é, dados que necessitam ser interpretados e não quantificados. Noutro momento foram realizadas entrevistas semiestruturadas e conversas informais com homens e mulheres de diferentes vilas/lugares do município de Serra do Mel.

Para as seleção de nossa entrevistada foi necessário uma busca popular por alguém que conhecesse a história de Serra do Mel, e todas as pesquisas feitas na cidade só me levaram a uma pessoa, a Dona Terezinha, uma mulher, professora a quem boa parte da população da cidade tem um enorme carinho e admiração pelo o trabalho prestado em diferentes áreas de atuação.

Terezinha Maria de Oliveira Medeiros, tem atualmente 63 anos de idade, formada na década de 1970 em engenharia agrônoma, hoje (2019) viúva, que mesmo com problemas de saúde em sua visão, não desiste e continua firme e forte trabalhando como Assistente Técnica na Coordenação de Acesso a Mercado, Agroindústria e Cooperativismo na Secretaria Estadual Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar na Cidade de Natal/RN e é residente e domiciliada em Serra do Mel – RN.

As entrevistas aconteceram na residência de dona Terezinha e na primeira ocasião tivemos certo obstáculo, por questões técnicas a entrevista não foi gravada o que gerou a necessidade de marcar uma nova data para refazer a entrevista. O procedimento foi, portanto, realizado no dia 29 de setembro de 2019.

Para essa entrevista utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na qual autoriza a gravação e publicação dos trechos das falas no decorrer do trabalho: Depois da entrevista realizada, a mesma foi transcrita e tematizada, esse termo possui um papel essencial na pesquisa científica é o documento que resguarda o pesquisador e todo o conteúdo da

pesquisa extraído por meio de entrevista. Nesse sentido, destacamos que o nosso estudo levará o nome real da nossa entrevistada.

[...]Outro dilema diz respeito à divulgação dos nomes dos entrevistados, que podem ser substituídos por pseudônimos. Por um lado, essa troca os preserva de possíveis constrangimentos e represálias, entre tantos outros problemas; por outro, o anonimato limita o reconhecimento social de suas ações – para muitos o próprio ato de ceder uma entrevista está associado à busca por prestígio, em vista de ações que consideram valorosas e dignas de registro. Uma alternativa pode ser deixar essa decisão para o entrevistado, mas novamente surge a questão sobre o conhecimento profundo das implicações dessas escolhas. Um ponto aparentemente consensual é o de que o entrevistado deve ter liberdade de escolha sobre ceder ou não uma entrevista, princípio básico que, na verdade, pode esconder uma multiplicidade de práticas dos pesquisadores. ZANGELMI, 2016, pag,238).

Diante disso, ressaltamos que nossa entrevistada optou por reconhecer em seu relato a história de serra do Mel como forma valorosa de preservar, deixar registrado em papel uma história rica de lutas e conquistas. E a mesma reconhece a importância que ela teve como narradora dessa história.

No enfoque de Gil (2008, p.115) “A preparação do roteiro depende da definição do tipo de entrevista a ser adotado. Numa entrevista informal, basta definir os tópicos de interesse, ficando o seu desenvolvimento por conta das habilidades do entrevistador”. Todo o levantamento de dados, sejam eles documentos oficiais ou não foram realizados em pesquisas na internet, pesquisa de campo e entrevista.

Todas as nossas referências estão dentro das nuances que se incumbirão de juntar as memórias e as narrativas da dona Terezinha em espaços diversos, em todo um patamar coletivo, um jeito de olhar e perceber a história, para isso traremos Maurice Halbwaches sobre a memória coletiva (1990), na qual adentraremos no espaço coletivo através das memórias da nossa entrevistada. Nesse sentido o autor levanta tal discussão:

As ideias que representamos mais facilmente composta de elementos tão pessoais e particulares quanto o quiserem, é a ideia que os outros fazem de nós; os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também os mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós. (HALBWACHES, 1968, p.49).

Essa afirmação nos apresenta que nossas memórias estão relacionadas às memórias de outros grupos sociais. E faz um sentido na vida individual. Trabalhar com entrevista semiestruturada permite essa abertura no momento que estamos em diálogo, a partir da fala da entrevistada mergulhamos no seu universo e nos permitimos vivencia-lo

É interessante adentrar na importância de nossa narradora, a dona Terezinha, a memória dessa mulher, um sinônimo de força vital e resistência. Segundo Benjamin (1987, pág. 205)

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de arte – no campo, no mar, na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de

comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica.

Levando em conta essa citação destacamos que nessa pesquisa estamos trabalhando com história oral, a memória. E como o autor cita, esses escritos, os relatos de dona Terezinha se assemelham a um trabalho de artesão, sendo “bordado” a mão, isto é, gravado sua história de vida coletiva conectada a história de Serra do Mel. Ainda nos escritos de Michael Pollak em sua interpretação da memória coletiva e memória individual traremos uma breve síntese sobre sua análise em *Memória, Esquecimento, Silêncio* na qual o autor narra o seguinte:

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (POLLAK 1989, p.6).

Por isso a importância de gerir a história e buscar cada relato, cada memória num dito duradouro de escuta. Esses marcos registram um tempo e um espaço, e nós tivemos a oportunidade de narrar esses acontecimentos. Diante disso, ressaltamos a importância da sensibilidade do pesquisador.

Pesquisar é um ato que envolve planejamento, estratégias, leituras, mas acima de tudo envolve pensar o outro como gente, é sentir na relação entrevistador – entrevistando como um ritual simbólico de passagem do tempo em que o pesquisador irá viajar na história do entrevistado, mergulhando na memória coletiva, embarcando num espaço de plena sabedoria que não podem ser pensadas isoladas do mundo. Escrever é contar, narrar a história é entender o mundo a nossa volta, compreender o que acontece e o que aconteceu, problematizar os cenários, pausar as cenas e refletir sobre elas.

O nosso referencial teórico foi escolhido de acordo com tema proposto, no decorrer do trabalho nos embasamos em alguns teóricos que foram essenciais para entender alguns conceitos centrais desse estudo. Dialogamos com Maurice Halbwaches (1990) acerca da história coletiva. Antônio Carlos Gil (2008) que trata sobre os métodos e técnicas de pesquisa social, Minayo (2002), sobre metodologia de pesquisa. Ainda nos escritos de Michael Pollak em sua interpretação da memória coletiva e memória individual (1989). Dialogamos também com Guimarães Neto (2005) num embasamento sensível no tratamento dos fatos que serão as

narrativas por meio dos relatos orais. Walter Benjamin (1985) na importância dos fatos narrados como um trabalho de artesão, e Michel de Certeau (1998), dentre outros autores.

2. Percurso histórico do Município de Serra do Mel –RN: Uma história de vida coletiva.

Esse capítulo irá versar sobre uma parte do percurso da história de Serra do Mel, sendo contada na visão de dona Terezinha. Iniciando esse capítulo é importante destacar a importância da história de vida da Dona Terezinha e o seu papel como contadora da história de Serra do Mel.

Não há como separar o tempo e o espaço na qual as lembranças de dona Terezinha flutuam e se engajam na história individual/coletiva. Será que há como distinguir a história individual da história coletiva? Será que estamos nesse mundo vivendo uma história única? Essas inquietações nos refletem que os fragmentos das histórias seja ela individual/coletiva. São pequenos pedacinhos do tempo e das lembranças de dona Terezinha que se misturam e fazem desse tempo um moinho de significados, desse modo, percebemos que a memória funciona como uma fotografia do tempo, trazendo lembranças que tiveram significados na vida social, cultural e afetiva da nossa entrevistada.

Cabe salientar que lembrar é recordar, é buscar memórias, trazendo à tona lembranças e o depoimento é a forma de materializar essa lembrança em uma linguagem histórica imortalizando a memória dos sujeitos. Para Halbwaches (1990 p. 14) “[...] a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhadas das malhas de solidariedade múltiplas”.

A partir da entrevista semiestruturada que tem seu principal objetivo no depoimento oral, foi possível mergulhar no espaço memorial dos sujeitos da presente investigação, adentrando nas narrações e histórias que descrevem, contam, rememoram toda uma trajetória de vida. Para Guimarães Neto (2005, p. 02).

Pelo fato de serem narrados, os acontecimentos encontram-se vinculados à compreensão narrativa, o que nos leva a procurar melhor entender (...) a operação que unifica numa ação inteira e completa a diversidade constituída pelas circunstâncias, os objetivos e os meios, as iniciativas e as interações, as mudanças de sorte e todas as consequências não desejadas surgidas da ação humana.

Os fatos narrados trazem fragmentos do tempo, que buscam entender as ações que aconteceram naquele determinado momento. Os contextos são múltiplos, mesmo que seja a mesma cidade o mesmo lugar, a história não terá apenas uma versão, existirá uma infinidade

versões contadas e compartilhadas trazendo elementos que se aproximam e se distanciam. As narrativas mostrarão as consequências desses momentos dessas ações humanas no decorrer do tempo vital e na trajetória de cada um/uma. Seu simbolismo, seus modos de ser de viver e de interpretar a vida, o mundo e suas diferentes dinâmicas sociais. Para Guimarães Neto (2005, p. 04).

Os relatos orais ocupam o seu papel crucial na história das cidades, tecendo a memória através das linhas do tempo e dos espaços vividos, representados como sinais reveladores da sua existência, tal como é lembrada. Existência esta que não pode ser pensada tendo por referência uma totalidade prévia ou um contexto uno, porque as descrições longe de fixarem espaços e lugares, os recriam culturalmente.

Nesta afirmação destacamos a seriedade de serem trabalhados os relatos orais como narrativas que ocorrem em determinados espaços e tempos com sua infinidade de saberes, fazeres, experiências sócio históricas e culturais. O entendimento sobre esses contextos são essenciais para compreender as relações entre os espaços vividos e os que tiveram significados em nossa trajetória enquanto seres sociais. Registrar a memória é reviver o passado, é contar, narrar as histórias individuais e coletivas. Todo esse arcabouço tem sua diversidade em um ambiente social, simbólico e existencial de vivências.

Nós embarcamos em uma viagem cujo destino foi voltar no tempo. O/A leitor (a) deve estar se perguntando, como assim, voltar no tempo? E a resposta é bem direta, voltamos sim, nas lembranças, na memória compartilhada com cheiros, sabores, amores, uma viagem marcada pela história dos sentimentos e significados. Segundo Halbwaches (1990 p. 26) “É porque, em realidade, nunca estamos sós, nossas lembranças sempre estarão arraigadas com a memória coletiva”. Diante disso, iniciaremos com um pouco do percurso histórico do município de Serra do Mel/RN, na qual estão intensamente enraizados nas lembranças e na memória coletiva da nossa entrevistada.

2.1 A história contada por quem a viveu.

Esse subtítulo irá contar a história de Serra do Mel sob o olhar de quem a viveu, bem como o leitor encontrará um pequeno resumo/percurso histórico de Serra do Mel nas décadas de 1930/1970. A história de Serra do Mel teve sua origem fincada na década de 1930, ressaltamos que esse marco temporal não é a do nosso estudo, mas achamos pertinente adentrar nesse ponto já que a história de Serra do Mel teve seu início nesta década, com uma possível empreitada de alguns salineiros que se interessaram pelas terras que hoje são

chamadas de Serra do Mel. Para entender um pouco esse marco histórico iremos destacar aspectos gerais sobre o contexto de 1930 a 1970.

Com o advento da mecanização nas indústrias salineiras há um forte aumento de desemprego, os trabalhadores foram demitidos em massa e foram substituídos pelas máquinas. Insatisfeitos com essa mecanização realizam greves, passeatas e outros protestos. Nas palavras de Galvão (2016, p.7).

[...] as demissões nas grandes salinas e o crescente processo de concentração de capital e renda na região salineira potiguar trouxeram graves prejuízos sociais. Em decorrência, o desemprego assolou a região, e em 1970, centenas de trabalhadores foram às portas do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Sal em Mossoró pedir comida e emprego, pois passavam por sérias privações (DINIZ, 2013). As “Agrovilas da Serra do Mel” (na época zona rural de Mossoró e hoje município de Serra do Mel) foram alguns dos destinos dos milhares de trabalhadores desempregados pela 1ª mecanização da produção salineira potiguar.

Diante dessa atual situação o Estado associa a política agrária do País a um projeto que tinha como objetivo “[...]a criação de uma classe média rural, assentada sobre uma base territorial caracterizada, quando de sua concepção, por um vazio econômico e demográfico” PROJETO SERRA DO MEL. O intuito do projeto foi de criar uma classe média rural e o projeto expressa bem isso.

Quanto aos objetivos específicos do projeto se destacam: Acesso do homem a terra; ocupação de mão de obra; Aumento das exportações; elevação do nível de renda do homem do campo; Criação da Agroindústria; Ampliação da fronteira agrícola e modificação da estrutura fundiária; polo de desenvolvimento; Desenvolvimento do Espírito Associativista; Organização territorial; intervenções. O projeto por completo o leitor encontrará em anexo, (Ver anexo D).

Essas terras sempre foram de interesse, de interesse [sic]. A primeira ideia de colonizar essas terras foi nos anos 30, na década de 30, não lembro exatamente, pelo o Brigadeiro Eduardo Gomes que tinha uma pretensão de ser presidente da república e ele se interessou por isso aqui, levaram um projeto prá ele pra transformar isso aqui em colônias agrícolas, aí essa coisa ele não chegou lá, [sic] não foi presidente da república, a ideia ficou. Mas, é, passou esses anos todos e na década de 70 novamente, aí quando as salinas foram mecanizadas, tiveram muito trabalhador na rua, muita gente desempregado da indústria do sal, porque os salineiros era metade do tempo agricultor e metade do tempo salineiro, então, quando tava esse contingente de homens na rua, desempregados e exigindo e reivindicando, fazendo movimentos, que se consolidou a ideia de transformar esse espaço de Serra do Mel num projeto de colonização, que a ideia era receber a maior parte de salineiros, vieram poucos, é

*verdade, mas essa foram uma das motivações, segundo a literatura*².
(Terezinha 2019).

O município de Serra do Mel iniciou-se como um projeto de colonização começado em 1970 e concebido no ano de 1972, pelo então governador da época José Cortez Pereira de Araújo que foi um agropecuarista, professor, político brasileiro e o 42.º governador do Rio Grande do Norte, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro, governou o Rio Grande do Norte no período de 1970 a 1974 (Lima, 2003, p. 5), e detinha poder expressivo de influência e articulação com governos de outros países. Quando indagamos sobre a existência de um projeto maior ligado ao projeto real de Serra do Mel a dona Terezinha (2019) nos afirma o seguinte:

Maior eu não sei, mas o projeto de Serra do Mel ele faz parte de um conjunto de projetos, num chamado PDRI. A Serra do Mel ela faz parte de um conjunto de projetos daquela época, né? Tem o projeto aqui, das vilas rurais tinha um projeto de Boqueirão e Touros e eu não lembro mais que outros. Tinha um que eu não lembro o nome, mas assim foi pensado um plano de desenvolvimento regional do estado e a Serra estava nesse conjunto de projetos.

O início da década de 1970 ficou marcado como o período em que o Estado brasileiro atuou estimulando a expansão da fronteira agrícola³ em todo o país. No caso específico de Serra do Mel, a colonização tinha como finalidade de atender os trabalhadores das indústrias salineiras de todo o Rio Grande do Norte que consequentemente perderam seus empregos em virtude da incorporação de novas tecnologias poupadoras de mão-de-obra, a inserção de máquinas nas salinas desempregou milhares de famílias. O projeto foi criado, e inspirado no

² Esta *literatura* que a dona Terezinha retrata é uma dissertação de mestrado do autor Aécio Cândido de Souza que se encontra impressa, datilografada no ano de 1991. Um documento histórico e muito rico que conta a história de Serra do Mel, possui o título: PARA ALÉM DO ACESSO A TERRA Representações Sociais, Condição Camponesa e Ação Política dos Colonos da Serra do Mel – RN. Esse documento foi um dos nossos embasamentos no início da pesquisa bibliográfica e de campo, já que quem nos apresentou esse documento foi a nossa entrevistada dona Terezinha e entre o texto escrito datilografado e o relato, optamos em apenas folhear a dissertação e colocar no nosso trabalho a voz, o relato da nossa entrevistada, fizemos isto devido aos desafios da jornada acadêmica versus maternidade, não tivemos o tempo que gostaríamos para degustar de todo o material que encontramos. Em outra oportunidade poderemos aprofundar a pesquisa em um documento tão rico e cheio de dados, informações, história. O Único dado que utilizamos dessa dissertação foi um folheto de cordel que o leitor encontrará mais à frente desse trabalho.

³ Os processos de colonização das fronteiras brasileiras se fizeram acompanhar por interesses de ordem político-militar e econômico-social. Na perspectiva político-militar, podem ser incluídos basicamente os objetivos de ocupação do território e garantia da soberania nacional nas fronteiras. Na questão socioeconômica, o deslocamento de trabalhadores e colonos favorecia a descompressão sobre o espaço agrícola e minimizava o conflito em torno da posse da terra, por um lado e, por outro, ampliava a possibilidade de geração de trabalho e renda, estimulando o aumento da produção e a ampliação do mercado. (SCHALLENBERGER; SCHNEIDER, pag. 205, (2010).

modelo *Moshavi* de Israel. Nas palavras de Dona Terezinha (2019) quando perguntamos sobre o modelo *Moshavi* de Israel:

Ele fez visitas a Israel e eu lembro de ouvi-lo falar em algumas ocasiões que achou semelhante a questão daqui ser deserto ter pouca água, a necessidade de aproveitar toda água que caísse e acredito que é porque ele era fã daquele sistema e segundo ele, eu nunca estudei muito esse sistema, segundo ele aqui parecia, mas eu confesso que eu não consigo avaliar, até quanto tem semelhança porque eu não estudei esse sistema de ocupação de terra.

Posteriormente esse modelo *Moshavi* foi planejado para a formação de agrovilas rurais onde cada vila tem o nome de um estado da federação brasileira, interessante a história sobre os nomes das vilas de Serra do Mel, que dona Terezinha nos contou. Vejam só:

A Serra pelo que eu estudei, li um pouquinho, a Serra foi baseada assim no modelo tipo, um Brasil estilizado, se você olhar o mapa, (Ver anexo D) é o Brasil de cabeça pra baixo (risos) o mapa se tem uma semelhança com o mapa do Brasil e se tentou usar o nome dos Estados que existiam na época, né? Não conseguiu fazer a divisão geográfica, o Norte e o Nordeste tão dentro um do outro, tá muito confuso geograficamente (risos); mas como é o Brasil de cabeça pra baixo.

Escutar sobre esse Brasil estilizado foi muito bom, pois descobri que eu resido num Brasil estilizado. A partir da narração de nossa entrevistada é perceptível que ela em cada momento, em cada pergunta, parava um pouco para lembrar, recordar daquele determinado assunto, momento e isso mostra o quão valioso é a pesquisa com a memória. É imprescindível problematizar esses acontecimentos, as narrativas de dona Terezinha, suas memórias nos fazem refletir sobre cada agrovila de Serra do Mel como um brasil estilizado, o que aconteceu em cada vila? Como foi a colonização? Foi pacífica? Houve resistência? E de que forma a metáfora do Brasil de cabeça para baixo também não destaca as várias problemáticas sociais e políticas enfrentadas pelos moradores no início da colonização.

A colonização de Serra do Mel teve início em 1974, a princípio com a implantação de cinco vilas (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Guanabara e São Paulo) na região sul e de um centro administrativo na área central do projeto, onde hoje é a vila Brasília- centro. Cada colono com suas famílias recebia uma casa com um lote de 50 hectares com apenas a cultura do cajueiro, ou seja, baseado da monocultura.

Vale lembrar que a Vila Paraná foi à primeira vila a ser construída e povoada e essa, em especial, recebeu as famílias dos trabalhadores que vieram para trabalhar na construção das casas. Essas vilas foram formadas por colonos vindos de diversas áreas do próprio Estado,

a maioria dos municípios vizinhos. Em 1980, aconteceram as ocupações das vilas Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, promovidas pelos filhos de antigos colonos proprietários de lotes improdutivos e por trabalhadores rurais da região. Em 1981, novas vilas se formaram a partir de uma intervenção direta do Governo do Estado.

Com a construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves⁴, no município de Assú - RN, o governo também trouxe para Serra do Mel uma parte da população atingida e expulsa pelas águas do reservatório, formando-se então as vilas Bahia e Pernambuco. Entre 1983 e 1984, outras vilas são colonizadas na parte norte do projeto: as vilas Acre, Maranhão, Pará, Amazonas, Alagoas, Sergipe, Mato Grosso, Guanabara, Paraíba, Ceará, Goiás e Piauí.

No dia 13 de maio de 1988, de acordo com a Lei nº 803, Serra do Mel conseguiu sua autonomia política, teve suas terras desmembradas de Assú, Areia Branca, Carnaubais e Mossoró e tornou-se um novo município do Rio Grande do Norte. (IBGE).

3. Fases de transformação do projeto de colonização de Serra do Mel, sob a visão de dona Terezinha.

Esse capítulo contará como aconteceram as fases do projeto de colonização. As fases de transformação de Serra do Mel sob os olhos de dona Terezinha traz à tona muitos significados e novidades. Aqui traremos os desafios, conquistas, vivenciados pelos os primeiros moradores da cidade de Serra do Mel. Quando perguntamos como ela avaliava as fases pelas quais o município passou, ela destaca o seguinte:

É uma pergunta difícil de avaliar porque assim o projeto ele foi implantado em várias fases, num foi todo de uma vez só, né? Assim, teve as primeiras cinco vilas que foram colonizadas, né?! E elas é, num foi uma implantação contínua, colonizava uma parte, parava, foi preciso pressão popular, pressão mesmo das famílias que tavam dentro das casas dos pais, os parentes e um monte de casa fechada pra ocupar algumas vilas. Então assim, num foi uma coisa simples, tranquila e organizada não, pra poder colonizar, aqui teve momentos muitos tensos pra poder retomar o processo de colonização. Teve

⁴ A construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, em meados da década de 1980, foi à obra marcante de todo o processo de desestruturação e reestruturação produtiva das atividades desenvolvidas nas áreas rurais da região. (ALVES; DE AQUINO; DA SILVA FILHO, 2018).

momentos das vilas colonizadas, as cinco primeiras em que um governador, o ex governador Tarcísio Maia⁵, é.. tentou desarticular o projeto, a água foi cortada as famílias ficaram sem água, porque segundo, aí não se tem certeza, são especulações, mas tinha uma tentativa desse governador de vender a Serra do Mel para um grupo Israelense, chamado, um empresário Israelense chamado Alberto Benaion tava interessado em comprar, mas aí já tinha cinco vilas colonizadas, aí o pessoal ficou sem água, ficou sem condição nenhuma, mas resistiram e taí hoje, né? o município.

Analisando a fala de dona Terezinha percebemos que se destacam duas respostas a perguntas que fizemos acima acerca de Serra do Mel ser um “Brasil estilizado” primeiro que as fases não foram realizadas de maneira ordenada, que a colonização não foi algo pacífico, que houve resistência sim, dos primeiros moradores, que essa a força política da época detinha de um enorme “poder” que massacrou os moradores, e mesmo assim eles (as) demonstraram resistência e que queriam ficar/permanecer nas suas terras.

É notório que a maior parte da história de nossa cidade está sendo esquecida, muitos dos nossos primeiros moradores estão falecendo e as futuras gerações desconheceriam esses fatos e hoje temos um papel fundamental a partir dessa pesquisa que é registrar essa história de lutas e conquistas. Essa pressão popular que a dona Terezinha (2019) fala foi dos filhos dos colonos que moravam juntos com os pais e queriam um lar também. Segundo a mesma:

É, ai assim, as famílias começaram a, quando os pais vieram trouxeram filhos, ai moças, rapazes, ai esse povo foi casando e foi aumentando e uma casa pequena e um lote só, as vezes duas, três famílias, a família original, mais um ou dois filhos casados e muitos lotes, e muitas casas, vilas inteiras, sem contar com muito trabalhador sem-terra em volta nas cidades próximas também, e isso gerou um movimento muito grande de ocupação dessas casas e desses lotes, tem vilas ai aqui que a polícia vinha e tirava e o pessoal voltava e ocupava de novo, não foi tão simples assim pra muita gente chegar aqui não.

É impossível ouvir cada relato e não recordar da minha história, da história de vida dos meus avós e da minha família de uma forma geral. Serra do Mel é uma cidade composta por

⁵ **Tarcísio de Vasconcelos Maia** foi um médico e político brasileiro, tendo sido o 43.º Governador do Rio Grande do Norte no período de 1975. Disponível em: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Tarcísio_Maia), acesso em 18/10/2019.

diferentes histórias de vida, cada vila tem moradores de outras cidades e regiões. Essas pessoas chegaram aqui com sonhos, buscando qualidade de vida no campo, plantar, colher, possuir sua terra, criar seu gado, suas galinhas e tudo que a agricultura oferecesse. E tiveram que enfrentar diversos obstáculos (lutas sociais) para conseguirem suas terras, permanecer com seus filhos (as) e que cada um/uma tivesse uma casa para morar e um lote para trabalharem, e fica notória essa resistência.

É emocionante falar dessa história porque sou fruto desses sonhos. Hoje meus avós, mãe, tem terra (lote) porque alguém teve a coragem de buscar por elas lá atrás, anos atrás. Diante dessas fases de desenvolvimento, dona Terezinha foi bem detalhista em seus argumentos:

1970 começou a discutir o projeto, 1972 foi o início da implantação, de 1972 a 1974 foi desmatamento, plantio de cajueiro, de partes dos cajueiros, construção de partes das casas e 1974 foi a colonização das primeiras famílias, as primeiras vilas foi 74. Em 1979 porque as vilas foram, eu não lembro, né? exatamente assim. É que foram sendo colonizadas as cinco, aí depois foi colonizada a Goiás que eu acho que foi 1980, não lembro. Mato Grosso, entre Goiás, Mato Grosso foram vilas que foram colonizadas entre 1979 e 1980. Em 1981 foi o pessoal que veio do vale do açu que ocupou Bahia, Pernambuco. Aí as outras partes das vilas foram 1980, 1981, que aí essas outras teve a parte mesmo de movimento forte mesmo, das pessoas forçando pra entrar aí eu lembro que, é teve vilas que em 1981, uma boa parte delas: Sergipe, Alagoas, Bahia Pernambuco. Acho, eu lembro que a Acre já foi de 1982 pra 1983 foi ocupando, porque 82 é, 83 final do ano, 83, no finalzinho de 83 pra início do ano de 84 foi que terminou de colonizar a Serra com Amazonas 83, Pará e Maranhão foi em 84, me lembro que foram as duas últimas.

Nesse sentido, fica perceptível a importância dessas fases para o desenvolvimento de Serra do Mel enquanto município até sua autonomia política. Da primeira colonização a última foram 10 anos. As primeiras vilas foram em 1974 e as últimas em 1984. Quando discutimos as fases do projeto de colonização de Serra do Mel queremos mostrar que o município passou por decorrentes transformações, sejam elas, políticas, sociais, econômicas e culturais. E que essas fases/transformações tiveram importância na vida dos sujeitos que fizeram essa história acontecer. Adiante iremos contar um pouco das lutas, conquistas e resistências que aconteceram no início e no decorrer da colonização e implantação do projeto de Serra do Mel.

3.1. Lutas e conquistas vivenciadas pelos os primeiros moradores de Serra do Mel/RN.

Nesse sub título iremos versar sobre as lutas e conquistas vivenciadas pelos primeiros moradores no início da implantação do projeto e no decorrer da colonização, discorrendo sobre a resistência que houve e mencionando a importância dos movimentos sociais. Para dar um embasamento poético e histórico e que demonstra resistência, iremos apresentar um relato em forma de cordel que encontramos em uma dissertação de mestrado do autor Aécio Candido de Sousa, que escreveu uma dissertação sobre a história de Serra do Mel.

Esse folheto de cordel tem como título: “Dor, sofrimento e Revolta na Serra da comissão. Inicialmente foi usado um pseudônimo assinado pelo poeta Manuel Xique-Xique, só depois foi revelado o nome real do autor, quando um livro *A verdade é pra ser dita* foi publicado e assinado pelo o poeta Crispiniano Neto, que a partir de então teria uma participação bastante ativa na história de Serra do Mel, segundo o autor Sousa (1991), o cordel a seguir reproduz um suposto diálogo entre três colonos, onde cada um retrata seu sofrimento na Serra do Mel.

Dor, sofrimento e Revolta na Serra da comissão.

José começou dizendo:

“Eu sofro de fazer dó,
Sou filho de Currais Novos,
cidade do Seridó.
Lá Deus não me deu fortuna,
arribei pra Baraúna
Distrito de Mossoró.

Em Baraúna morei,
Como pobre vivi bem
Sustentei minha família
Sem ser pesado a ninguém
Trabalhava noite e dia
Mas ninguém me aborrecia
E eu não devia um vintém.

Foi tempo que apareceu
A propaganda danada
Dizendo: agora pro pobre
A coisa está animada
Pois lá na serra do Mel
Tem um projeto fiel
Dando tudo a quem tem nada,

Um pedaço do terreno
Já era pra vir plantado
A casa com sanitário
E com luz pra todo lado,
Pra pagar com vinte anos.
Eu pensei cá nos meus planos:
Ô negócio bom danado.

Só nos primeiros seis meses
O povo foi atendido.
Depois o chefe atendia
Carrancudo e aborrecido
e o colono endividado
Tinha que aguentar calado
Sem briga e sem alarido

Eu só ouvia o zum-zum
Em todo beijo de estrada
Que era 50 hectare
Com a metade desmatada,
Dinheiro e campinadeira,
Cabra, boi, vaca leiteira
E casa com água encanada
(...)
Pois foi assim, meu compadre,

E eu enfrentei a parada.
Lá foi que vi que a conversa
Ou estava mal contada
Ou era só pabulagem
porque toda essa vantagem
no fim deu em quase nada.

Mesmo sem boa assistência
Produzi muito feijão
Pois só na safra passada
Colhi com satisfação
Quase quatro toneladas,
Mas tive as rendas minguadas
No negócio com o patrão.

O patrão que falo é afirma,
Que, enquanto em Mossoró
O feijão deu sete contos,
Na Serra a três contos só
Comprou do colono fraco
E mais dois quilos por saco
Tirou sem choro e sem dó

Ninguém pode vender fora
Um caroço de feijão.
Os fiscais no mata-burro
Não deixava passar um grão,
E a firma vive explorando
Pois a feijão vai baixando
Pela classificação.
(Xique-xique, 1978).

Esse cordel retrata como o projeto de Serra do Mel era visto nas cidades próximas, como um projeto que iria doar a terra (50 Hectares de terra), uma casa e ainda prover a subsistência dos agricultores e agricultoras para plantar, e sobreviver no início de sua implantação, uma Serra da comissão, mas não aconteceu assim como os protagonistas do cordel bem contaram em prosas e versos e rimas, a empresa CIDA era responsável pela implantação do projeto e tinha certo “poder” local e sabiam usufruir desse poder de forma injusta, e alguns colonos vendo essas injustiças tentavam vender sua safra de feijão em Mossoró e saíam pelas varedas, escondidos, porque eram vigiados constantemente.

Nesse primeiro discurso a dona Terezinha (2019) irá falar da resistência dos colonos quando cortaram o abastecimento de água, e quando os colonos perderam a safra do feijão, que ficou conhecido como feijão maravilha (Ver anexo E). Esse evento marcou a cidade de Serra do Mel e saiu em vários jornais da época, estampou as capas dos jornais de Natal/RN.

Logo no início, assim nos primeiros tempos teve essa questão do corte da água as pessoas tiveram que sobreviver com o corte do sistema de abastecimento de água, foi uma luta muito pesada. Por sorte choveu aí as pessoas tinham que pegar água longe, num sei nem onde iam buscar sinceramente eu não sei. Mas como era o lado sul, onde é possível ter alguns açudes, alguns barreiros, por isso as pessoas suportaram. Depois veio uma coisa que chamaram de contrato experimental: as pessoas já morando a seis anos, seis anos já na terra e pronto pra receber as primeiras famílias, receber o documento aí veio um contrato experimental depois de seis anos produzindo cuidando de cajueiro. Um contrato experimental onde a pessoa começava do zero, os seis anos pra trás ficava perdido, isso as primeiras famílias que aqui chegaram. Outra pesada foi a questão do feijão chamado feijão maravilha, que as famílias eram obrigadas a coletar no armazém grande, aquele armazém que ainda tá ali, acho que ainda não foi demolido, acho que ainda tá lá. Então assim, toda produção de feijão das famílias tinham que ser depositadas, colocadas lá no armazém da CIDA⁶ e esse feijão choveu em cima por falta de cuidados por falta de atenção de funcionários e técnicos que cuidavam e ele apodreceu e se perdeu. Botaram na justiça, uma indenização mas muitos e muitos anos depois, mas de dez anos depois quando receberam eram irrisório o valor, setecentas toneladas de feijão. Feijão aqui tinha uma vocação muito grande, é tanto que setecentas toneladas em 1979, 1978, 1979. Os colonos eram obrigados a entregar lá porque a CIDA fornecia uma feira e as pessoas não tinha uma liberdade, quem quisesse vender, levar um feijão pra vender fora tinha que sair escondido; se passasse pelas guaritas os vigias tomavam e tudo. As pessoas tinha que sair pelas varedas pra vender feijão em Mossoró.

⁶ A CIDA era a Companhia Integrada de desenvolvimento agrícola, era a companhia que foi criada pra fazer a colonização. (Terezinha, 2019).

Então no caso cada vila dessa tinha uma espécie de vigia pra observar?

Eu não sei se era exatamente cada vila, mas nas saídas estradas tinha as guaritas, que eu vejo contar, era bom escutar alguém mas velho enquanto ainda tem gente vivo.

Fazendo a análise da fala de dona Terezinha percebemos que o tão sonhado e idealizado projeto de Serra do Mel não saiu tal quais seus objetivos. A ideia foi muito boa, no entanto, a sua prática deixou muito a desejar, isso no seio de sua colonização. Os primeiros moradores realmente passaram por muitas dificuldades para permanecer em suas casas e lotes. Muitos desses moradores vieram de longe com suas famílias arriscando tudo por um projeto de vida, por ter onde morar, plantar, criar e sobreviver. Como nossa narradora argumenta, seria muito importante escutar as pessoas que ainda estão vivas e que vivenciaram toda a pressão popular que houve no decorrer da colonização/implantação do projeto, diante disso, adiante iremos destacar um pouco da importância dos movimentos sociais para a história de Serra do Mel.

“Por que, então, a história parece esquecer da maioria e fala apenas dos reis, presidentes, heróis, prefeitos, governadores e descobridores E, ao contrário, por que ouvimos tão pouco sobre a nossa história, dos pobres, dos trabalhadores e trabalhadoras?” (GOETTERT, 2014). Nessa pequena citação vemos um dos principais motivos da luta dos movimentos sociais: a justiça social, a valorização das diferentes classes sociais. O conceito de Movimento Social está ligado a uma ação coletiva de grupos fortemente organizados, que buscam por mudanças sociais por meio de uma luta política, articulada.

No Brasil os movimentos sociais ganharam bastante visibilidade a partir da década de 1960, sendo que em 1950 já havia vestígios desses movimentos. Existem diversos movimentos nesse contexto de 1950/60, mas os que atuaram em Serra do Mel pelas as palavras de Dona Terezinha foram a Diocese⁷ de Mossoró e o Sindicato dos Trabalhadores da Lavoura de Mossoró.

Ah! aqui os movimentos sociais eram fortes, né? Tinha o apoio da Diocese através do MEB, a Radio Rural. MEB tinha uma equipe que acompanhava aqui na Serra, né? E a própria Diocese muitas as vezes, o próprio bispo tinha que, Dom José Freire⁸ ia muito pro radio

⁷ A Diocese de Mossoró (*Dioecesis Mossorensis*) é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica no Brasil, pertencente à Província Eclesiástica de Natal e ao Conselho Episcopal Regional Nordeste II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sendo sufragânea da Arquidiocese de Natal. A sé episcopal está na Catedral de Santa Luzia, na cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte. Sua padroeira é Santa Luzia, virgem e mártir siciliana. Disponível em: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Diocese_de_Mossor%C3%B3) Acesso em: 18/10/2019.

⁸ Dom José Freire de Oliveira Neto foi um bispo católico brasileiro, bispo da Diocese de Mossoró entre 1984 e 2004. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Freire_de_Oliveira_Neto) Acesso em: 18/10/2019.

defender a população de Serra do Mel, quando na época da ocupação de algumas vilas. Quando as famílias que estavam aqui e outras que vieram de fora ocuparam as casas teve uma repressão policial forte e a igreja católica teve um papel muito importante nisso, a radio rural, divulgou, o bispo, o Movimento da Educação de Base: Então assim, o fato de quando divulgava na imprensa aí as pessoas eram ouvidas, assim e a repressão diminuía quando conseguia. Esse papel da igreja foi fundamental porque se não tivesse divulgação e um bispo que tivesse coragem de denunciar.

Quando discutimos essa repressão policial a Dona Terezinha mencionou que as pessoas que levaram máquinas fotográficas para registrar o momento tiveram seus equipamentos destruídos. E destacou a presença do bispo ao denunciar tudo que acontecia de injusto no processo de colonização e implantação do projeto.

Com o advento da mecanização da agricultura e o novo modelo de economia implantado, houve uma infinidade de injustiças sociais, e a Igreja católica teve seu papel e sua importância nesse processo. O Movimento da Educação de Base (MEB), foi um movimento organizado e desenvolvido pela Igreja Católica. Nas palavras de Oliveira, (2009, p.9) “Este Movimento teve forte concentração de suas escolas radiofônicas no estado do Rio Grande do Norte e principalmente em Mossoró através da Rádio Rural, emissora ligada à Diocese de Mossoró”. Ainda nos escritos de Oliveira (2009, p. 9).

O MEB constituía-se de escolas radiofônicas organizadas pelas dioceses do Nordeste do Brasil. O Movimento da Educação de Base foi um projeto de cunho educativo organizado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Alguns teóricos afirmam que o MEB foi uma possibilidade de emancipação do homem rural.

Para Serra do Mel esses movimentos foram essenciais, como dona Terezinha mencionou o bispo Dom José Freire denunciava as injustiças cometidas na colonização das agrovilas de Serra do Mel por meio da Radio Rural, e a igreja através da Diocese de Mossoró/RN, tinha um papel muito forte ligado ao sindicatos dos trabalhadores. Quando indagamos sobre algum movimento social forte de agricultores ou sindicatos dona Terezinha (2019) argumenta o seguinte:

Tinha, o movimento sindical trabalhava fortemente aliado a igreja, movimento sindical, o sindicato dos trabalhadores da lavoura de Mossoró, eles eram muitos ligados aos trabalho com a igreja na verdade eles faziam, organizavam a luta e a igreja dava o apoio divulgando colocando a rádio á disposição e o próprio bispo denunciava na igreja, na imprensa, no jornal, onde fosse preciso.

Nessas palavras fica perceptível a aliança entre igreja por meio da Diocese, Rádio Rural por meio do MEB e o sindicato dos trabalhadores da lavoura de Mossoró, segundo as narrativas de dona Terezinha. O movimento sindical é um movimento social que luta por

justiça social, os sindicatos são organizações que tem como objetivo, representar os interesses dos trabalhadores (as). Nasceram em meados do século XIX, como uma forte reação à precariedade acerca das condições trabalhistas e a remuneração a que os trabalhadores (as) estavam sendo submetidos nesse contexto de 1801 a 1900, devido ao crescente capitalismo, um sistema econômico desigual e avassalador.

Os sindicatos só obtiveram reconhecimento institucional no século XIX nos principais países industrializados. A partir daí tem desempenhado um papel de suma importância na organização da classe trabalhadora, lutando por uma sociedade justa, democrática e igualitária. Sua forma de atuação é a reivindicação dos direitos individuais e coletivos, que mesmo hoje século XXI ainda são estreitos em nosso país.

Dessa forma, percebemos a importância do Sindicato da lavoura de Mossoró na organização da luta coletiva pelos os direitos dos agricultores e agricultoras de Serra do Mel, no seio de sua colonização. Percebemos também a importância da Diocese e a Rádio Rural na divulgação das lutas vivenciadas pelos os primeiros moradores do município de Serra do Mel. Adiante discutiremos como foi o processo de “ocupação” de algumas vilas de Serra do Mel pela ótica de dona Terezinha.

Segundo o dicionário Priberam entende-se por ocupação: O ato ou efeito de ocupar. Posse; Tempo durante o qual território se encontra conquistado ou invadido, etc. É cabível destacar que por maioria das vezes esse método de luta não acontece de forma pacífica, por diversas vezes há conflitos dos dois lados, dos trabalhadores e do “poder” local. Então perguntamos como ocorreu esse processo de ocupação e quais vilas foram ocupadas? E a dona Terezinha nos destaca o seguinte:

Espirito Santo, Minas Gerais, lembro muito dessas duas que foi bem forte, Espirito Santo e Minas Gerais, onde a resistência foi maior assim. Tinha vezes que a polícia terminava de tirar numa rua quando voltava na outra rua já tava cheio de gente de novo. E vinham de Carnaubais e vinham das vilas vizinhas queria ocupar. A terra tava aí e o povo queria a terra mesmo vendo que se não ocupasse isso aqui seria vendida pra alguma empresa. Eu lembro bem dessas duas vilas que foi movimento forte pra ocupação, Minas Gerais e Espirito Santo deve ter tido mais, mas essas duas eu lembro. Porque ai nesse período foi quando colonizaram essas e Sergipe e as outras foram colonizadas, quando foi Bahia e Pernambuco, as famílias já vieram do Vale do Açu já certas. O pessoal que veio da barragem que perderam as terras pra barragem, ai por isso que tem muita gente, essas vilas Bahia e uma parte da Pernambuco originalmente tinha muita gente do Vale do Açu, Itajá São Rafael, Assú.

As outras vilas? É muito misturado, sabe, é porque a Amazonas tem uma parte de gente que as famílias é de Carnaubais e muitas famílias de Antônio Martins e variado. Não é assim como aqui que foi destinado Pernambuco e Bahia foi destinado para, [sic] porque era

Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia as que eram destinados para o Vale do Açu. Na Amazonas é porque veio um grupo que eu vim nele, um grupo tinha um movimento dos agrônomos desempregados e nós fomos para entrevista com Zé Agripino que era o governador da época e ele disse em tom de zombaria que não tinha emprego pra oferecer a gente não. Se quisesse vim ser colono na Serra do Mel ele dava um lote a cada um, achando que tava fazendo uma ofensa aí nós topamos e viemos, né?! Ai os primeiros 33 lotes da vila foram colonizados mas aí foi embora a maior parte, desistiu, outras famílias ficaram, hoje ainda tem algumas pessoas que tem lote lá. (Terezinha 2019).

A Serra do Mel é composta por 23 vilas, sendo um distrito – centro, quando ouço essas palavras, penso, como pode? Para hoje existir essa cidade que eu resido, aconteceram tantas coisas, houve tantos acontecimentos, políticos, sociais, conflitos, momentos tensos de lutas e resistência. E porque poucas pessoas sabem dessas batalhas, dessas pretensões de alguns governos que passaram na época, as perguntas ecoam na minha mente a fim de problematizar esse cenário que ficou lá no passado, mas que teve e tem sua particularidade para existir hoje no presente.

A história de vida de Dona Terezinha se misturam em sua narrativa, trazendo suas lembranças. Para Maurice Halbwachs, “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (2004, p.75-76). As memórias se misturam aos acontecimentos ligando cada passo com uma teia de significados trazendo à tona recortes do passado que vai intercalando com o presente.

Percebemos que a colonização de Serra do Mel teve suas dificuldades, isto é, tiveram as lutas e conquistas que ora aconteceram de forma pacífica e também houveram momentos que não existiu tanta pacificação. Existiram períodos de planejamentos, mas também houve ocasiões de luta e resistência de um povo tão aguerrido. Finalizando nossos capítulos, fica perceptível que nós acertamos no nosso objeto de pesquisa, falar da história da minha cidade me revigora e me faz querer conhecer mais e mais, buscar novas versões dessa história.

Ao final da nossa pesquisa notamos que faltavam fotos desses marcos históricos e optamos por colocar partes de um arquivo pessoal de uma historiadora e professora aposentada do município de Serra do Mel, essas fotos apresentam um pouco do início da colonização desde a entrada das máquinas nas terras até a colheita dos primeiros sacos do feijão. (Ver anexo E).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse trabalho me vem à mente as palavras ditas por Dona Terezinha em nossa entrevista, fizemos um passeio histórico pela memória dessa mulher forte e resiliênte, Ela narrou a história de Serra do Mel, contou e eu registrei, o mais interessante que fico feliz por ter respondido minhas inquietações enquanto pesquisadora, conclui que é importante registrar as memórias dos lugares, não deixar essas histórias apenas nos vestígios dos tempos, mas sobretudo, não deixá-las cair no esquecimento como os autores que citamos no decorrer do texto bem falam.

O que queremos pontuar é que a história contada por quem a viveu de fato tem sua particularidade, isto é, registramos uma pequena fase da história de Serra do Mel, creio que ainda há muito para estudar, pesquisar, confessamos que respondemos nossa problemática de que os primeiros moradores continuam a falecer e com eles a história e suas diferentes nuances também, com o pouquíssimo tempo que tivemos, registramos o que esteve ao nosso alcance.

Concluimos que a versão oficial, essa dos dados sócio geográficos que encontramos na internet com uma pesquisa exploratória, não trata de toda a jornada do município de Serra do Mel, e dificilmente um trabalho dará conta de tudo, é verdade. Mas não evidenciar as lutas sociais, os desafios, as conquistas nos inquietou, no sentido de deixar registrados alguns fragmentos do nosso recorte temporal que foram as décadas de 1970 a 1980. Compreendemos boa parte desse percurso histórico, evidenciamos como se deu esse processo de colonização, analisamos as fases dessa colonização do município, destacamos as lutas e conquistas que foram vivenciadas por seus primeiros moradores, findamos e chegamos à conclusão que esse trabalho assumiu seu papel, referente a seu objeto de estudo, mediante o registro e problematização de versões históricas.

Os resultados da pesquisa foram bastantes satisfatórios, e nos fizeram perceber o quanto as Ciências Humanas e Sociais tem um papel fundamental para sociedade. São essas pesquisas que apontam todo um arcabouço histórico de mudanças, transformações, que tiveram seus momentos sociais, culturais, políticos e econômicos. Não é um tempo linear, é um tempo histórico que faz parceria com a força vital que pulsa nesses determinados espaços e em Serra do Mel não foi diferente. A força vital de Dona Terezinha através de suas memórias fizeram rastros no tempo e as suas lembranças significaram muito na construção desse trabalho, assim como os diversos autores citados, cada uma dessas referencias tiveram seu espaço em cada parte desses escritos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Violar Memórias e Gestar a História abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”**. CLIO – Série história do Nordeste, nº 15 – 1994.

ALVES, Vicente Eudes Lemos; DE AQUINO, Joacir Rufino; DA SILVA FILHO, Rainundo Inácio. A modernização da fruticultura irrigada e seus impactos socioeconômicos e ambientais no Vale do Açu/RN. *Revista GeoInterações*, 2018, 2.1: 35-56.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política e ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis, vozes 1998.

CALLAI, Helena Copetti. O município: uma abordagem geográfica nos primeiros anos da formação básica. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). **Temas da geografia na escola básica**. 1ª. ed. Campinas/SP: Papirus, 2013.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo**: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. cad. cedec. Campinas, vol.25, n.66, p.227-247, maio/ago,2005.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, p. 71-114, 2000.

DOS SANTOS, Elton Castro Rodrigues. Escolas reunidas: um modelo entre as escolas isoladas e os grupos escolares em Mato Grosso. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 15, n. 61, p. 290-305, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo, Atlas S.A 2008.

GALVÃO, Iapony Rodrigues. **Uma análise da mecanização das salinas e o decréscimo da população total e urbana de Macau/RN entre 1970 e 2000**. XVIII encontro nacional de Geógrafos a construção do Brasil: Geografia, ação, política e democracia. 2016.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz (UFMT). **História, Memória e Práticas de Espaço**. ANPUH – Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

GOETTERT, Jones Dari. **Introdução a história do movimento sindical**. 3ª ed. Brasília, DF: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, 2014.

LIMA, Lillyan Pereira. **Serra do Mel, um projeto de “vidas”**. O impacto de colonização planejada em Serra do Mel no cotidiano das famílias assentadas. 2003. 54 p. Monografia - departamento de história. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MINAYO, et al., **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis-RJ: Vozes,1994.

OLIVEIRA, Nathália Rebouças de. **Educação radiofônica: a experiência do MEB em Mossoró**. 2009.

HALBWACHES, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª ed. São Paulo, Revista dos tribunais LTDA, 1990.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva. **Escafandristas do tempo: narrativas de vida e regeneração da memória em São Rafael-RN**. 2011.

SOUSA, Aécio Cândido de. **Para Além do Acesso a Terra: Representações Sociais, Condição Camponesa e Ação Política dos Colonos da Serra do Mel**. Campina Grande – PB – 1991.

SCHALLENBERGER, Erneldo; SCHNEIDER, Iara Elisa. **Fronteiras agrícolas e desenvolvimento territorial – ações de governo e dinâmica do capital**. Sociologias, Porto Alegre, ano 12, no 25, set./dez. 2010, p. 202-222.

SANTOS, Gilvan. "Não vou sair do campo." **Caderno de linguagens: música e poesia na Educação do Campo**. Brasília (2010).

ZANGELMI, Arnaldo José. "Pesquisadores e entrevistados: problemas éticos ligados a contextos de desigualdade e à atuação de movimentos sociais." (2016).

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Perfil da entrevistada.

- Qual o seu nome?
 - Sua idade?
 - Onde reside?
 - Qual sua formação?
1. Em que ano você chegou em Serra do Mel? Onde morava antes?
 2. Como vocês sobreviviam quando chegaram?
 3. Como as pessoas sobreviviam no início do projeto?
 4. Como era a questão da água?
 5. Você sabe me dizer porque o governador da época Cortez Pereira escolheu essas terras para a implantação do projeto de colonização de Serra do Mel?
 6. Existiu algum projeto maior ligado ao projeto de Serra do Mel?
 7. Desde o início da implantação do projeto que Serra do Mel se chama Serra do Mel, ou existiram outros nomes para o município?
 8. Você sabe porque o governador Cortez baseou-se no modelo de Israel?
 9. Você sabe como foi a escolhas dos nomes das vilas?
 10. Como você percebe a implantação do projeto de Serra do Mel desde 1970?
 11. Como você observa as fases de seu desenvolvimento, ou seja, 1970, 1975, 1979, 1980 e 1981?
 12. O que foi a CIDA?
 13. Quais foram as lutas e conquistas vivenciadas pelos primeiros moradores no início da implantações? e no decorrer? Houve resistência? Houve ajuda dos movimentos sociais?
 14. Como você percebe o município hoje (2019), socialmente, culturalmente, politicamente e economicamente?

ANEXO B - PROJETO SERRA DO MEL.

CONCEPÇÃO

O projeto Serra do Mel se fundamenta na necessidade de se promover o desenvolvimento em áreas inaproveitadas do Estado através da implantação de projetos de colonização que tivessem a oportunidade de unir a ação promotora de órgãos estaduais e federais encarregados da Educação, Saúde, Habitação, incentivo a organização, e elevação da produtividade agrícola. Para tanto, utilizou-se a experiência acumulada pelos diversos exemplos de colonização no país. A análise dessas experiências determinaram como fatores de influência positiva:

- . A escolha de cultura comercial e rentável;
- . o fácil acesso ao mercado;
- . um eficiente sistema de organização social, com base no cooperativismo;
- . um sistema de comercialização adequado;
- . assistência creditícia e técnica.

Essa visão do conjunto determinou a organização de programas que atendam as necessidades globais da futura população de beneficiários.

JUSTIFICATIVA

Existência de um vazio demográfico com possibilidade de exploração de uma cultura economicamente rentável. Ao mesmo tempo essa área serviria de base para a criação de uma comunidade organizada, capaz de integrar-se no processo de desenvolvimento, bem como a recolocação da mão de obra liberada pelas salinas.

OBJETIVOS

O projeto objetiva basicamente a criação de uma classe média rural, assentada sobre uma base territorial caracterizada, quando de sua concepção, por um vazio econômico e demográfico. A conservação desses objetivos será alcançada através das seguintes estratégias:

- Acesso do Homem à Terra: O projeto prevê a instalação de 1196 famílias selecionadas entre os trabalhadores com tradição agrícola, residentes na área e ou provenientes de áreas circunvizinhas.
- Ocupação da Mão-de-Obra: Novas oportunidades de emprego à população desocupada em decorrência da mecanização das salinas e da expansão da pecuária na região da pecuária na região e no Estado.
- Aumento das Exportações: Com a implantação de 18.000 ha de cajueiros, estima-se 20.000 t de castanha de caju no período de maturação do projeto.
- Elevação do Nível de Renda do Homem do Campo: Na fase de pleno desenvolvimento preveem para as famílias assentadas um nível de renda em torno de 7 (sete) salários mínimos regionais mensais.
- Criação da Agro-Indústria: Visando aproveitamento do produto e novas oportunidades de emprego.
- Ampliação da Fronteira Agrícola e Modificação da Estrutura Fundiária: Surgimento de médias empresas rurais em decorrência do aproveitamento de grandes propriedades e terras devolutas improdutivas.

. Polo de Desenvolvimento: Dotando o projeto de infraestrutura básica; favorecendo as áreas adjacentes estagnadas; e,

. Desenvolvimento do Espírito Associativista: A inclusão da população em centros urbanos-rurais organizados através de cooperativa; estimulará o espírito associativista, permitindo maior contribuição ou bem estar coletivo e participação mais intensa na promoção de obras e serviços comunitários.

ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL

a) Núcleo Residencial (Vila Rural): Numa quadra central o equipamento social consiste de prédios da Unidade Comunitária, depósitos de água, além de áreas determinadas para templo religioso, pequeno comércio, serviços e recreação. Na frente dessa quadra situa-se o armazém de produção e o galpão de máquinas.

A Unidade Comunitária compõe-se de: prédio de ambulatório e prédios de serviços, neste alojando-se a escola primária, núcleo administrativo e técnico, comunicação e depósito da Cooperativa.

b) Centro Comunitário: Comportará a cooperativa que administrará as vilas rurais, uma unidade médico-odonto-hospitalar, unidade de educação e orientação profissional e outros benefícios. Englobará ainda lotes industriais, um cemitério, área residencial (capacidade para 40 lotes), área de pequeno comércio e serviços e local para templo religioso.

(O ponto central destina-se ao reservatório d'água e fazenda experimental).

c) Unidade de Produção:

- . Os colonos adquirem e trabalham sua terra como empresários independentes e terão segurança quanto à ocupação da terra;
- . uma cooperativa central congregará todos os colonos, favorecendo a mecanização agrícola moderna e a comercialização em larga escala;
- . o tamanho do lote será de 50 ha, dos quais 30 ha para exploração agrícola e 20 ha serão destinados a possibilidade de crescimento da família e para atividades de pecuária;
- . na fase de implantação, seriam cultivados 15 ha de caju, 8 ha de algodão 2 ha para mandioca e/ou capineiras, 15 ha de feijão e milho consorciado com o cajueiro (nos 5 primeiros anos), 2 novilhas e 1 reprodutor de uso comum, sendo este através da Cooperativa;
- . crédito rural - financiamento fundiário, investimento e custeio, através das linhas de crédito do POLONORDESTE.

INTERVENÇÕES

- a) Saúde: Instalação de 1 posto de saúde em cada vila, com atendimento ambulatorial e socorro de urgência, atendente permanente e visita médica periódica no Centro Comunitário, será instalado uma unidade-médico-odonto-hospitalar com atendimento obstétrico e materno-infantil e equipada com uma sala para cirurgia simples. A unidade, com o projeto em plena atividade, contará com 5 médicos, 1 dentista e 5 enfermeiras.
- . Atividades - educação sanitária com apoio do serviço de extensão:
 - Atendimento ambulatorial e de urgência;
 - atendimento clínico e odontológico;
 - atendimento cirúrgico simples;
 - atendimento obstétrico e infantil.

b) Educação: Implantação de 1 unidade escolar do ensino de 1º grau por núcleo residencial, com 2 salas de aula e capacidade para 70 alunos.

. Implantação de uma unidade de Educação e Orientação Profissional, a nível central do projeto, cuja instalação beneficiará a população fixada de acordo com sua necessidade;

. Objetivos:

- Ofertar escolaridade mínima obrigatória para a população em idade escolar;
- oferecer cursos supletivos para jovens e adultos;
- promover a realização de práticas educativas (educação artística, física, familiar e iniciação profissional);
- oferecer oportunidades educacionais como fator de fixação das famílias;
- reformular o programa didático e das atividades curriculares (baseadas nas características gerais do projeto, adequação do ano letivo ao ano agrícola e voltadas para o ensino profissionalizante).

c) Extensão Rural:

. Área Econômica:

- Orientação técnica às atividades agrícolas.

. Área Social:

- Desenvolvimento de atividades relacionadas aos programas de saúde, educação, alimentação, educação da juventude e ação comunitária.

. Corpo Técnico:

- 1 técnico agrícola sediado em cada núcleo residencial e 1 agrônomo para atividade de supervisão.

d) Cooperativismo: A educação cooperativista se iniciará com assessoramento às primeiras famílias partindo do princípio de que a Cooperativa assumirá a totalidade dos negócios e responsabilidades administrativas ligadas à comunidade, bem como a execução dos programas, permitindo a retirada rápida e total dos órgãos de implantação.

e) CIMPARN: Companhia de Implantação de Projetos Agrários do Rio Grande do Norte (substituída pela CIDA).

- . Coordenar e fazer executar a programação;
- . terá caráter provisório, afastando-se à medida que os colonos forem participando das decisões;
- . Atividades Essenciais:
 - Coordenar a seleção de colonos;
 - coordenar a execução das obras previstas;
 - colocar em funcionamento a Cooperativa;
 - coordenar os serviços comunitários (médico-odonto-hospitalar, educação, etc);
 - estimular e treinar líderes para que estes possam assumir responsabilidades.

.. Estratégia: Sintetização em três marcos de referência:

- Econômico-Financeiro: - oferece ao colono maior segurança financeira quando do seu assentamento, ou seja no período de início da produção econômica do cajueiro;
- pedagógico: a não participação dos colonos nas tomadas de decisões poderá originar um processo de inibição da própria capacidade de iniciativa da população. Daí a necessidade de uma base sólida em termos de comando e motivação às iniciativas locais;
- .. - continuidade do Projeto: orientar o processo de emancipação progressiva da comunidade; estruturando e fortalecendo a cooperativa, condição "sine quanon" para a organização da comunidade e continuidade do projeto.

assentamento - os selecionados farão estágio profissional de iniciação de Organização do Projeto: Direcionada no sentido de emancipação gradativa do projeto, as técnicas agrícolas em duas etapas:

- Como em regime comunitário (3 semanas) com ajuda de custo; e
- Responsabilidades:
 - estágio prático junto a um lote em funcionamento (6 meses) remunerado
 - POLONORDESTE - apoio técnico para reformulação do projeto e recursos financeiros pelo colono do lote oferecendo o trabalho como contrapartida.
 - CIDA - função principal de execução e operação
 - Banco do Brasil - órgão principal de apoio creditício, por um período de 2 anos, no qual o colono será titulado ou dispensado;
- O processo de emancipação se fará através de:
 - avaliação - consiste no desempenho da exploração do lote e comportamento comunitário, utilizando-se critérios pré-estabelecidos; CIDA;
 - transferência - processo de compra da terra pelos colonos aproveitados, após a avaliação, através de crédito fundiário (POLONORDESTE), vendidos pela CIDA;

estruturação do processo de gestão.

EVOLUÇÃO DO PROJETO NO TEMPO

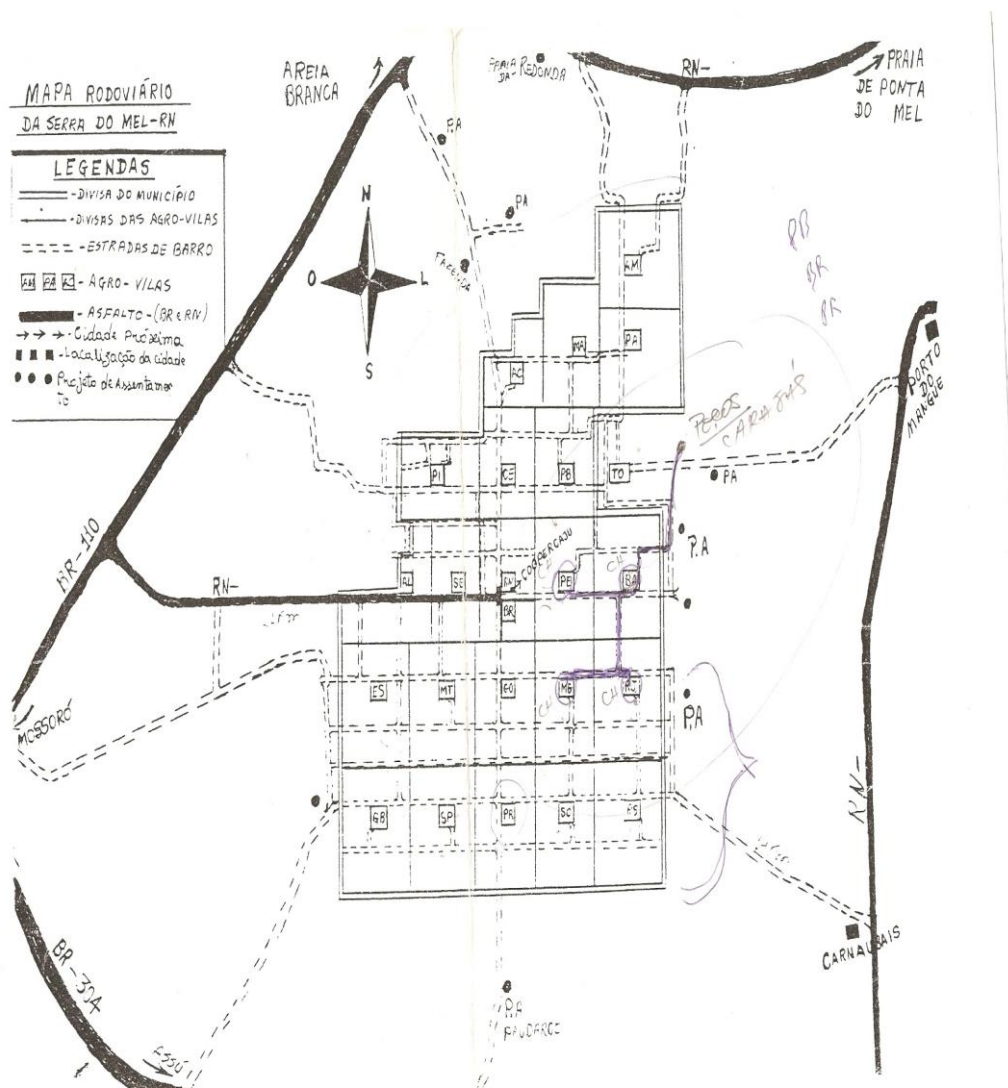
- Fases do Processo de Emancipação:

- | Fases | Período |
|---|------------------|
| Implantação - será gerido pela CIDA e será constituída de implantação de infraestrutura básica com as reformulações necessárias e à colonização | 1982 |
| Consolidação - apropriadamente esta; | 1982/1989 |
| Emancipação - fase transitória, na qual se consolidará e cooperativa como sucessora da CIDA; | a partir de 1989 |
| emancipação - auto-gestão integral da estrutura de Produção e Comercialização, através da cooperativa e dos colonos. | |

- Processo de Fixação dos Colonos:

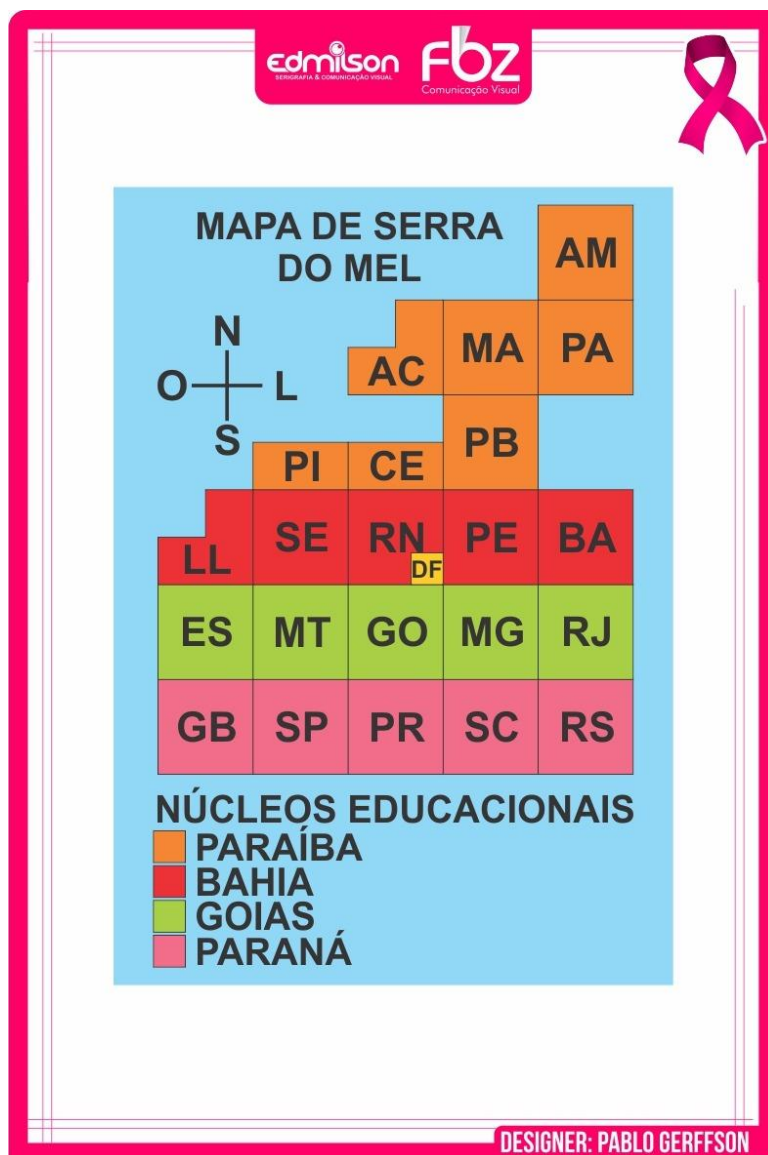
- Seleção de agricultores - será feita por uma equipe técnica competente, de acordo com critérios pré-estabelecidos, onde serão ressaltados os direitos e deveres dos colonos;

ANEXO C – MAPA RODOVIÁRIO DE SERRA DO MEL



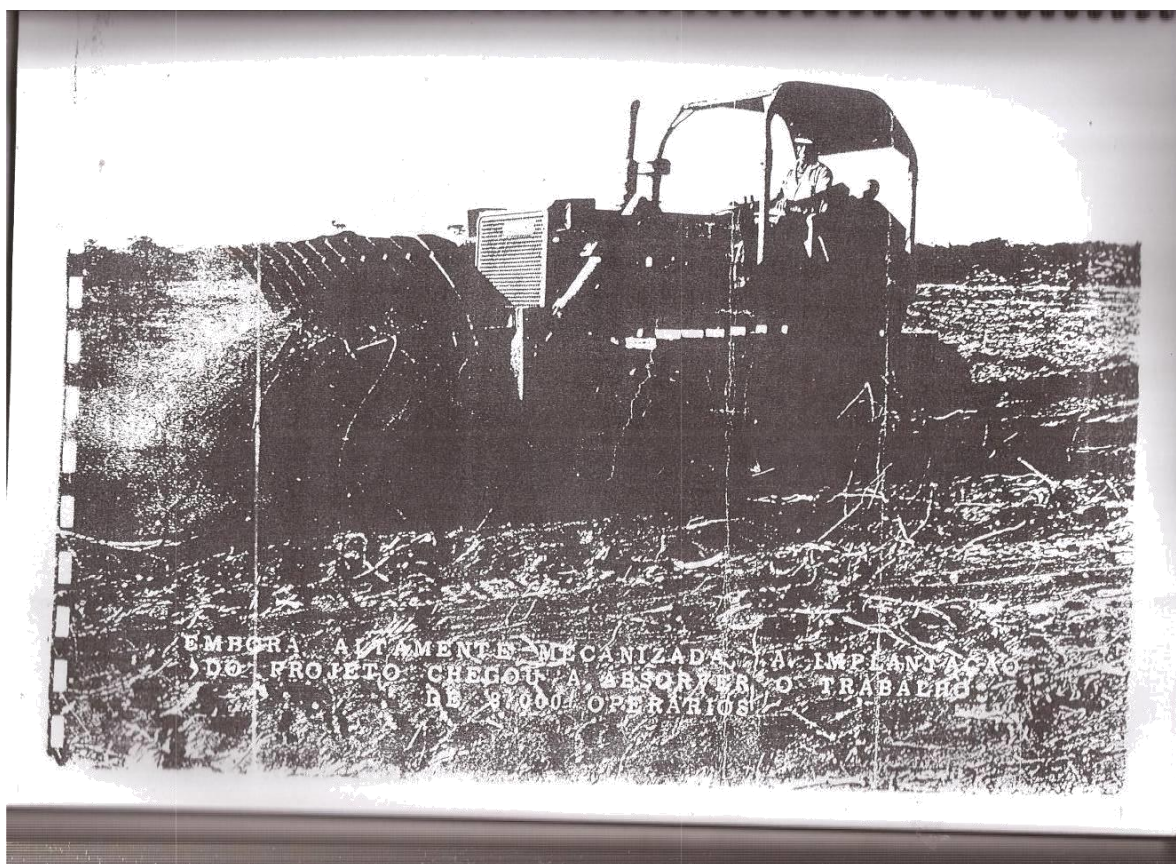
FONTE: Jornal O Serrano

ANEXO D – MAPA DE SERRA DO MEL, ESTILO BANNER

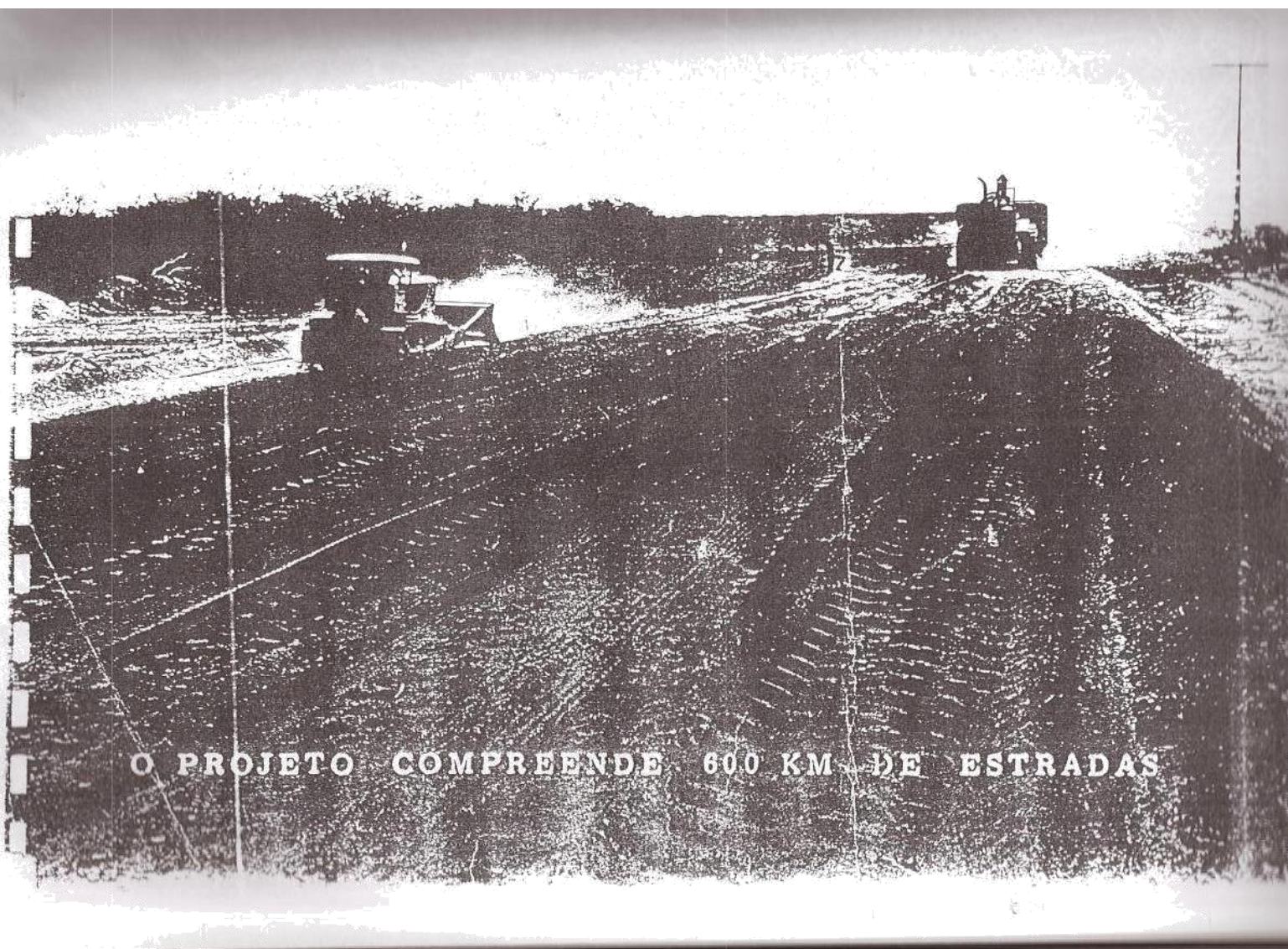


ANEXOS E – FOTOS DO INICIO DA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO









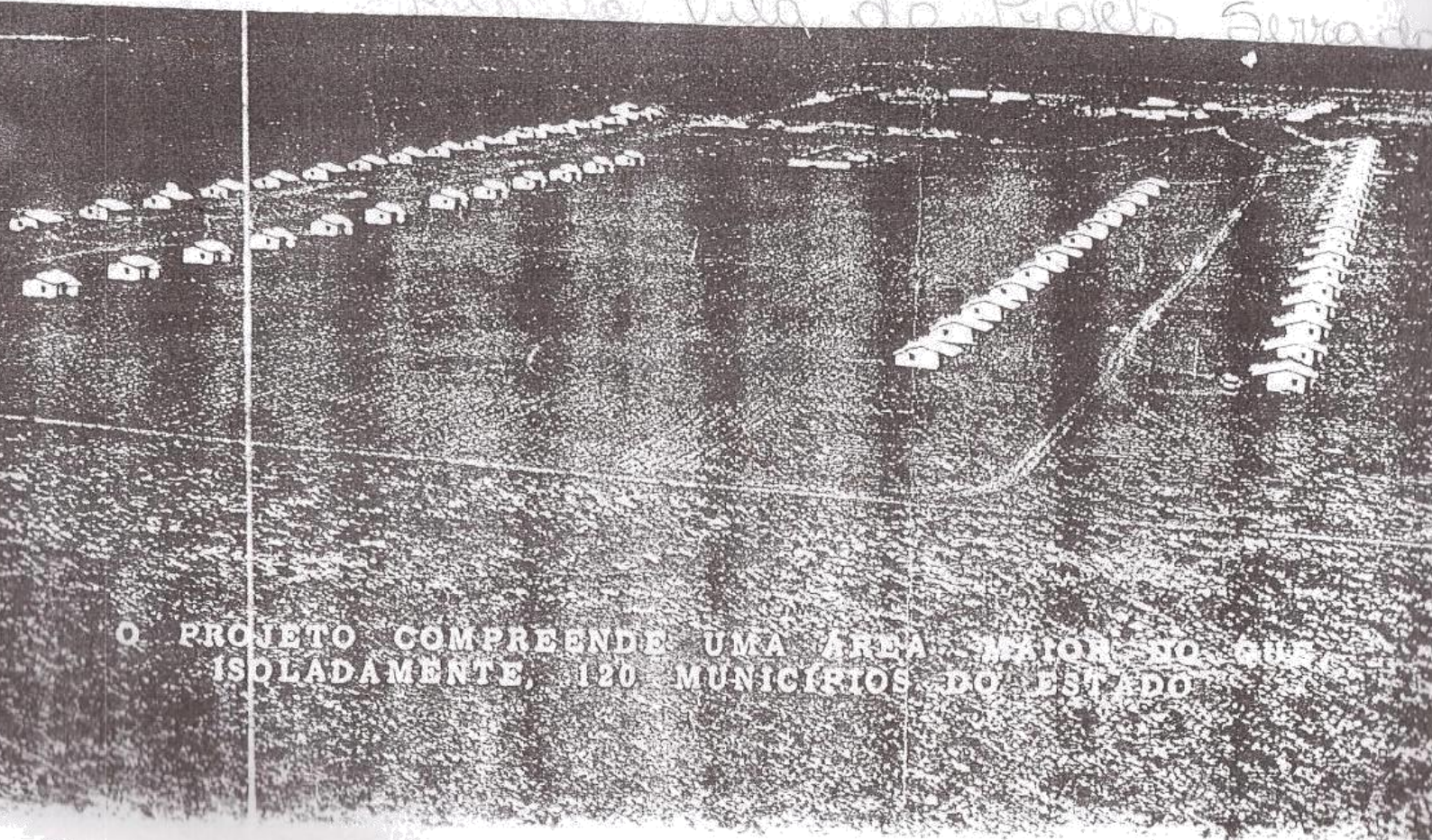




25.000 00 KG DE CASTANHA SECAO PRODUZIDA
50% DA PRODUÇÃO NACIONAL)



Projeto Vila do Projeto Serrado



O PROJETO COMPREENDE UMA ÁREA MAIOR DO QUE
ISOLADAMENTE, 120 MUNICÍPIOS DO ESTADO

O RIO GRANDE... DO NORTE COLHE
NO CAMPO O SEU DESENVOLVIMENTO.

PROJETO DE VILAS RURAIS



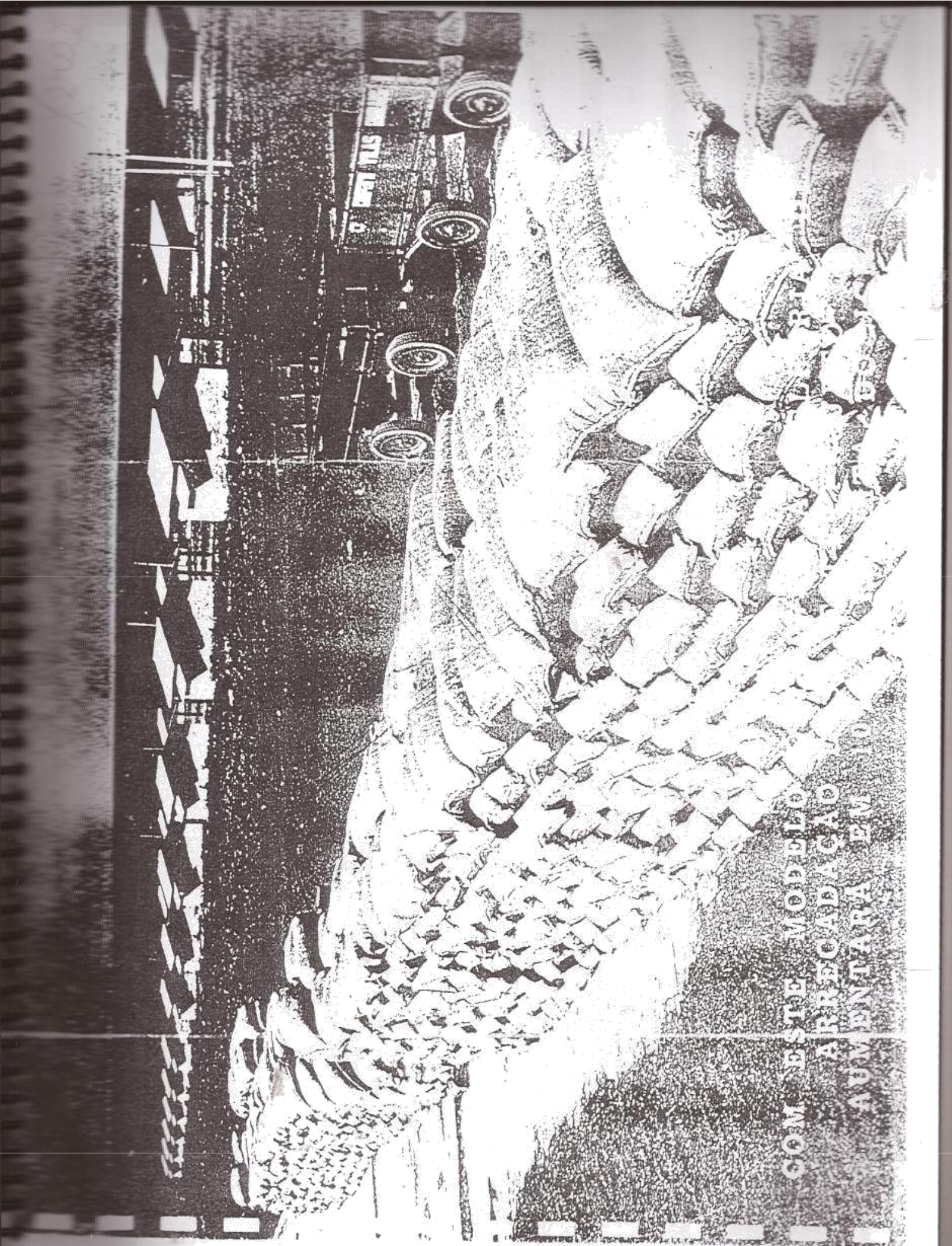
A PRODUTIVIDADE SANITIZADA DO ALGODÃO
GARANTE AMPLIAR UNO DAS VOCABULOS DO PS



28 TRATORIA EM RITMO DE 22 HORAS POR DIA
ENCICLOPEDIA

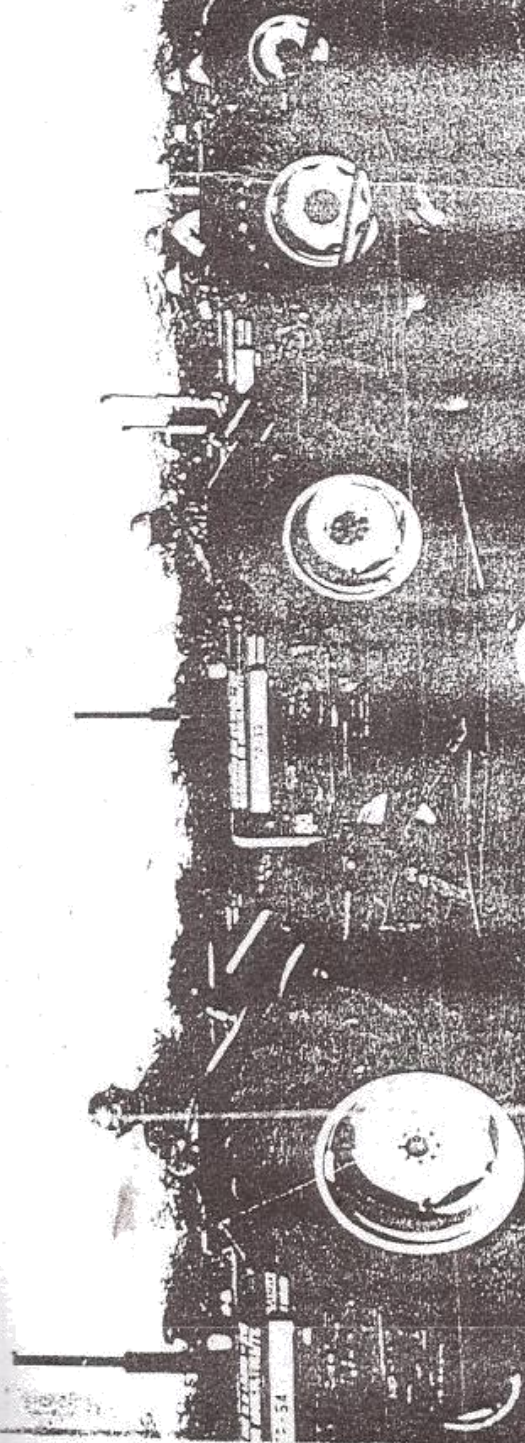


FORAM APLICADOS 3.120 HA COM CONSUMO
DE 8.500 LITROS DE LITRO DE LITRO

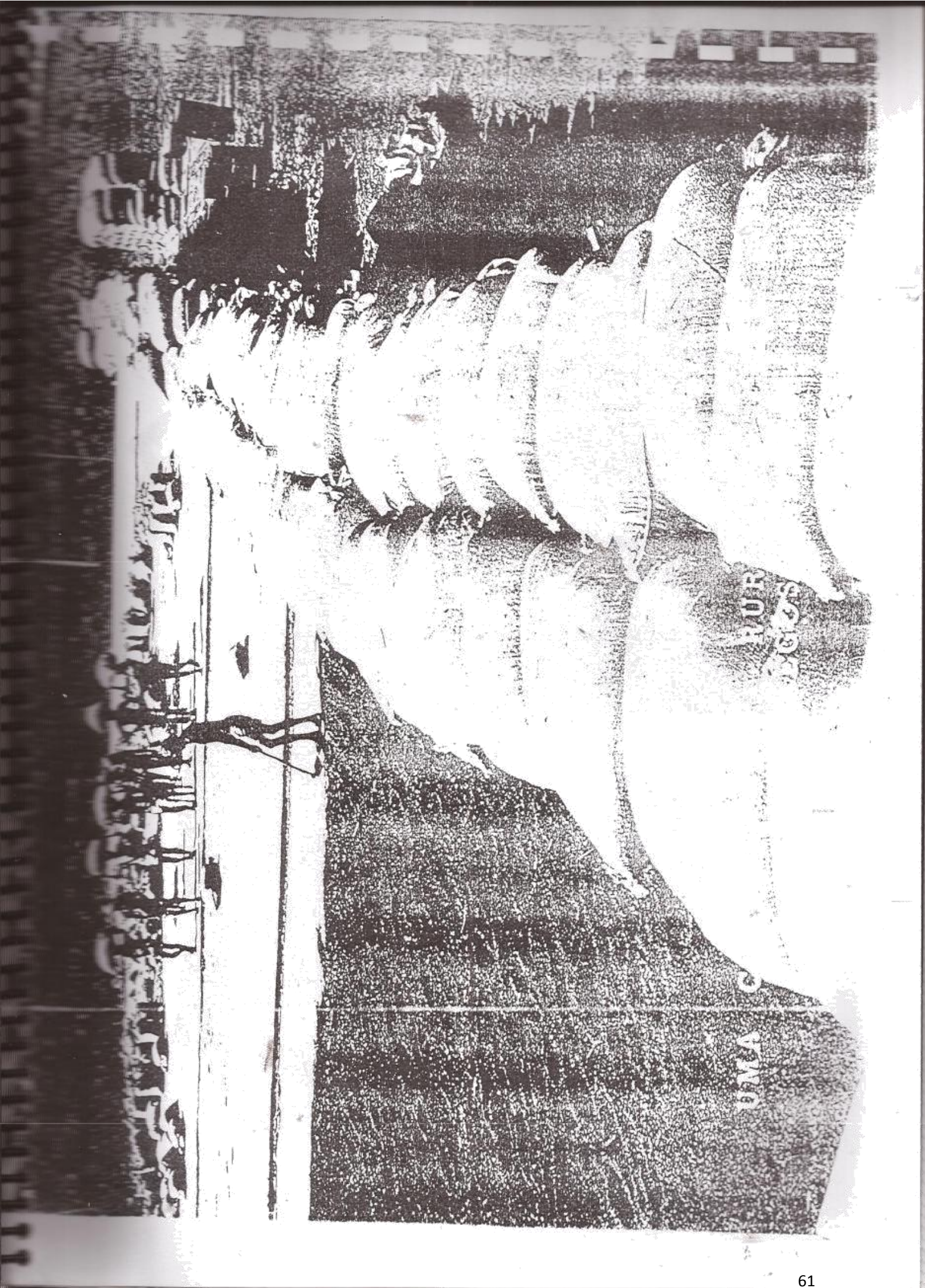


COM ESTE MODELO
ARRECADACAO
AUMENTARA EM

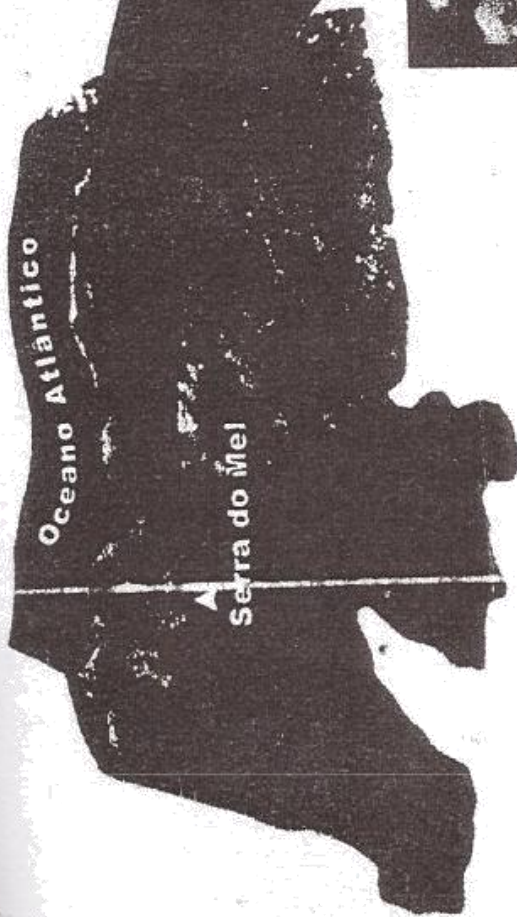
[illegible]



O REVOLVIMENTO E PREPARAÇÃO DO SOLO
FORAM MECANICAMENTE REALIZADOS



Rio Grande do Norte



Assim o **Landsat**

satélite

viu o Rio Grande do Norte

e nele a **Serra do Mel**



Serra do Mel

Uma colonização agro-industrial formada de 22 vilas rurais, tendo nome de Estados do Brasil. A sede do município é Brasília da Serra.

CONSUMA O QUE "ESTE BRASIL" PRODUZ.



Rio Mossoró

Serra do Mel

100